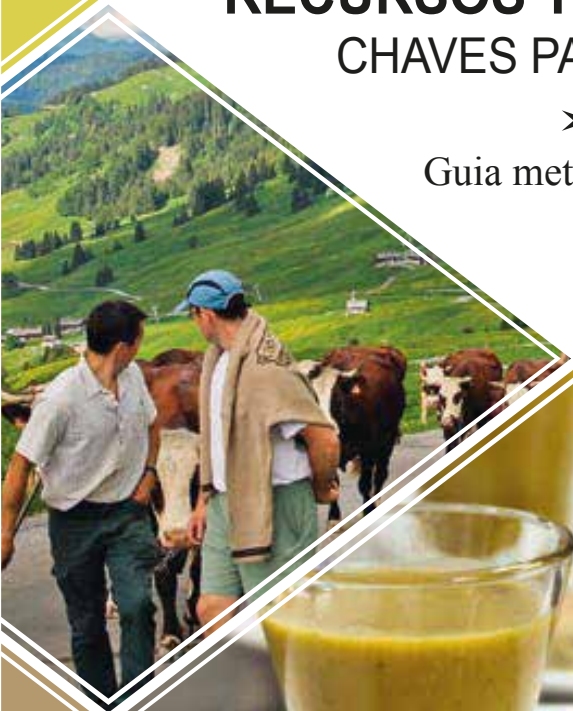
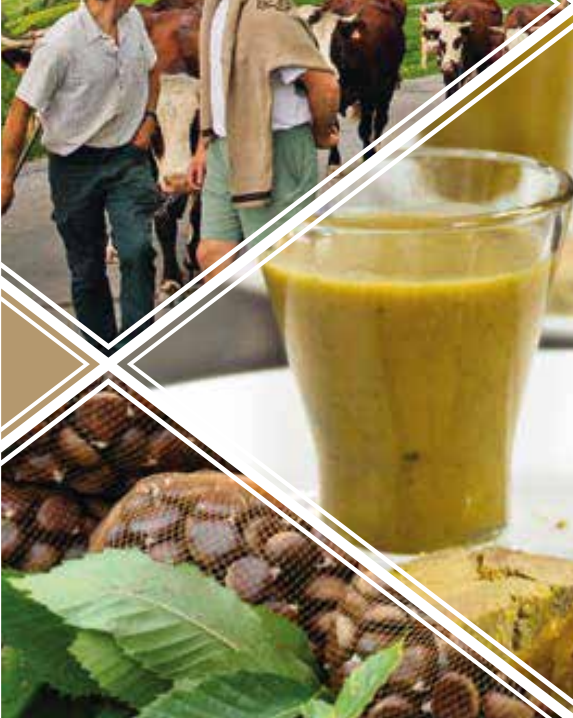
ISSN 1413-9618
ISSN 2674-9521 *on-line*
Maio 2020

VALORIZAR OS RECURSOS TERRITORIAIS:
CHAVES PARA A AÇÃO

✶

Guia metodológico





Suaci Alpes du Nord/GIS Alpes Jura

Epagri
Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina

Governador do Estado
Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural
Ricardo de Gouvêa

Presidente da Epagri
Edilene Steinwandter

Diretores

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pesqueira

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação

GOVERNO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL, TRABALHO E HABITAÇÃO

ISSN 1413-9618
ISSN 2674-9521 *on-line*
Maio 2020

Documentos 304

VALORIZAR OS RECURSOS TERRITORIAIS:

CHAVES PARA A AÇÃO

✶

Guia metodológico

COORDENAÇÃO E REDAÇÃO (Original em Francês)

Loïc Perron,
Suaci Alpes du Nord/GIS Alpes Jura,
Claude Janin,
Chambre d'Agriculture de l'Isère/GIS Alpes Jura

Organizadores (Versão em Português)
Ademir Antonio Cazella (UFSC)
Valério Alécio Turnes (Udesc)
Célio Haverroth (Epagri)
Antonio Carlos Pias de Castro (Mapa)

Florianópolis
2020

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)
Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5000, fax: (48) 3665-5010
Site: www.epagri.sc.gov.br

Editado pelo Departamento Estadual de Marketing e Comunicação (DEMC) / Epagri

Assessoria técnico-científica e revisão técnica da versão em Português: Ademir Antonio Cazella (UFSC) e Valério Alécio Turnes (UDESC)

Tradução para o português: Domitila Madureira
Editoria Técnica: Lúcia Morais Kinceler
Revisão Textual: Laertes Rebelo
Arte-final e diagramação: Gráfica Editora Despertando Talentos

Primeira edição (versão em Português): Maio de 2020

Impressão:
Tiragem: 500 exemplares

Título: VALORIZAR OS RECURSOS TERRITORIAIS: CHAVES PARA A AÇÃO – Guia metodológico

Este trabalho é fruto de Convênios
É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que a fonte seja citada

Ficha Catalográfica

JANIN, C.; PERRON, L. **Valorizar os recursos territoriais:** chaves para a ação - guia metodológico. Florianópolis, SC: Epagri, 2020. 147 p. (Epagri, Documentos, 304). Tradução de: Domitila Madureira

Título original: **Valoriser les Ressources Territoriales:** Des clés pour l'action - Guide méthodologique. 2014

Desenvolvimento territorial sustentável; Cesta de bens e serviços; Agricultura familiar

ISSN 1413-9618
ISSN 2674-9521 *on-line*

Organizadores da versão em Português

Ademir Antonio Cazella
Professor Titular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas (PGA)
Laboratório de Estudos da Multifuncionalidade Agrícola e do Território (Lemate)
Pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS/UFRGS
Rod. Admar Gonzaga, 1346 - Itacorubi, Florianópolis, SC, 88034-000
(48) 3721-2655/999-279191
ademir.cazella@ufsc.br

Valério Alécio Turnes
Professor Adjunto da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental (PPGPlan)
Departamento de Administração Pública (DAP/ESAG)
Pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – PPGDR/FURB
Av. Madre Benvenuta, 2007 Itacorubí, Florianópolis, SC CEP: 88035-001
(48) 3664-8500/98824-0256
valerio.turnes@udesc.br

Célio Haverroth
Engenheiro Agrônomo, Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento
Departamento de Extensão Rural e Pesqueira - Epagri
Coordenador Estadual de Desenvolvimento e Sustentabilidade Ambiental
Rod. Admar Gonzaga, 1347 - Itacorubi, Florianópolis, SC, 88034-000
(48) 36655299/988319779
celio@epagri.sc.gov.br

Antonio Carlos Pias de Castro
Auditor Fiscal Federal Agropecuário
Superintendência Federal da Agricultura de Santa Catarina
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)
Rua João Grumiché, 117 Bloco R, São José, SC, 88102-600
(48) 3261-9909
antonio.pias@agricultura.gov.br

AGRADECIMENTOS

A Loic Perron e Claude Janin, autores do Guide Méthodologique “Valoriser les ressources territoriales: des clés pour l’action”, por autorizarem a tradução do documento original.

À CIG-Mapa, pelo auxílio financeiro ao trabalho de tradução e edição do texto original para o idioma português.

Ao CNPq, pelo financiamento do projeto “O enfoque da cesta de bens e serviços territoriais: modelo de análise do desenvolvimento territorial sustentável”.

APRESENTAÇÃO

Santa Catarina é um estado caracterizado pela diversidade socioeconômica, cultural e ambiental. Aproveitar esta condição para a promoção do desenvolvimento sustentável é uma estratégia que leva a uma maior segurança econômica e resiliência. Esta é a proposta da metodologia denominada Cesta de Bens e Serviços Territoriais, elaborada por pesquisadores franceses liderados pelo Prof. Bernard Pecqueur, que valoriza os recursos locais, produzindo um ambiente de criação de singularidades no território, desencadeando um processo de construção social e desenvolvimento econômico.

A Epagri, por meio da pesquisa agropecuária e da extensão rural, desde as empresas precursoras a partir da década de 1950, atua em iniciativas de desenvolvimento que valorizam as pessoas, o meio ambiente, a tradição, o saber local e demais recursos disponíveis. Conhecer e desenvolver localmente a metodologia da Cesta de Bens e Serviços Territoriais é mais uma oportunidade para promover processos inovadores que resultem na melhor qualidade de vida aos catarinenses. A possibilidade de fazer isso em parceria com a UFSC, a Udesc, o Mapa, os Institutos Federais, o Sebrae/SC e outras organizações que atuam no mesmo campo, fortalece todos e potencializa os resultados.

A publicação em língua portuguesa do guia metodológico “Valorizar os Recursos Territoriais: Chaves para a Ação” é uma forma de disponibilizar ferramentas de trabalho aos atores promotores do desenvolvimento, tanto para profissionais do ensino, pesquisa e extensão, quanto para as lideranças sociais dos territórios. O objetivo é que este documento desperte a construção de conhecimento e a realização de experiências inovadoras.

A Diretoria Executiva da Epagri

PREFÁCIO
à edição brasileira

A cooperação entre pesquisadores catarinenses e franceses sobre o tema do Desenvolvimento Territorial Sustentável (DTS) vem se dando há mais de uma década. A parceria de integrantes do Laboratório de Estudos da Multifuncionalidade Agrícola e do Território da Universidade Federal de Santa Catarina (Lemate/UFSC) com o Prof. Bernard Pecqueur da Université Alpine de Grenoble iniciou em meados dos anos 2000, quando da execução de um projeto de pesquisa sobre DTS. Na oportunidade, o referido professor integrou a equipe francesa do projeto e realizou missões de estudo no estado de Santa Catarina, que resultaram, dentre outros produtos, na tradução de dois artigos científicos de sua autoria, publicados na revista Eisforia do Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas (PGA) da UFSC[1].

No final de 2016, portanto, 10 anos depois dessa primeira iniciativa, o contato com o Prof. Pecqueur foi retomado e uma nova missão de estudo no estado foi realizada no ano seguinte. Com o propósito de organizar esse intercâmbio, iniciamos a constituição de uma rede de cooperação com representantes de instituições catarinenses interessadas na abordagem do desenvolvimento territorial e mais especificamente no enfoque da Cesta de Bens e Serviços Territoriais (CBST) formulado originalmente pelo referido professor e sua equipe. Na atualidade, essa rede integra diversos profissionais e estudantes de distintas organizações de ensino, pesquisa e de fomento do DTS de Santa Catarina, a saber: na UFSC, além do PGA/Lemate, o Programa de Pós-Graduação em Administração e o Núcleo de Estudos em Agroecologia da Educação do Campo do curso de graduação em Educação do Campo (NEA Educampo); na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), o Centro de Ciências da Administração e Socioeconômicas (Esag) e o

1 Número especial da Revista Eisforia – Desenvolvimento territorial sustentável: conceitos, experiências e desafios teórico-metodológicos – Florianópolis, PGA/UFSC, v.4, 2006.

Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental (PPGPlan); no Instituto Federal Catarinense (IFC), o Campus de Rio do Sul; no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), os Campus de Gaspar e de São Miguel do Oeste; na Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), o Centro de Pesquisa para Agricultura Familiar (Cepaf) localizado em Chapecó, o Departamento Estadual de Extensão Rural e Pesqueira, o Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa) e o Centro de Informações de Recursos Ambientais e de Hidrometeorologia (Ciram); no Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Santa Catarina (Sebrae-SC), a Gerência de Desenvolvimento Regional, além da Coordenação de Indicação Geográfica do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (CIG-Mapa), por meio da Superintendência Federal da Agricultura em Santa Catarina (SFA-SC). Além dessas organizações catarinenses, o projeto conta com a participação de uma pesquisadora do Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares da Universidade Federal do Pará. A diversidade e a importância sociopolítica das organizações envolvidas refletem a atualidade, a notoriedade e a relevância do tema.

Uma primeira ação dos integrantes dessa rede consistiu em legendar para o idioma português o vídeo “A cesta de bens e de serviços: um novo olhar sobre o desenvolvimento dos territórios”[2]. Já a missão de estudo ocorreu no segundo semestre de 2017, quando se realizou uma visita a municípios da região serrana de Santa Catarina para avaliar o potencial de aplicação da abordagem da CBST. Na sequência dos trabalhos elaboramos o projeto de pesquisa “O enfoque da cesta de bens e serviços territoriais: modelo de análise do desenvolvimento territorial sustentável”, o qual foi aprovado junto ao Edital Universal do CNPq, no final de 2018. Em que pese os escassos recursos financeiros acessados, os integrantes desse projeto vêm conduzindo pesquisas empíricas sobre o enfoque da CBST nas regiões Extremo Oeste, Serra e Planalto Norte de Santa Catarina.

2 Esse vídeo se encontra disponível no site do Lemate (www.lemate.pagina.ufsc.br).

É no escopo dessa rede de pesquisa que se inscreve a tradução do guia metodológico “Valorizar os recursos territoriais: chaves para a ação” de autoria de Loïc Perron e de Claude Janin, ambos profissionais franceses engajados na reflexão sobre a arte da “especificação de recursos territoriais”. Essa noção representa uma novidade no Brasil, seja em termos acadêmicos, seja enquanto instrumento norteador de projetos de desenvolvimento territorial. Embora a identificação e a valorização de recursos territoriais específicos figurem, na atualidade, entre as principais estratégias de políticas públicas e de agências de desenvolvimento rural internacionais e nacionais, a formulação teórica e os passos metodológicos de um processo de especificação de recursos territoriais nem sempre são formulados com o rigor necessário e de forma ajustada aos potenciais e os desafios presentes para a adequada incorporação desses recursos nos processo de DTS.

Não se trata de copiar de forma acrítica procedimentos metodológicos e técnicas participativas adotados na França com a intenção de aplicar na realidade brasileira. Este material serve tão somente para nos inspirar a formular instrumentos metodológicos condizentes com as condições socioculturais, econômicas e ambientais do nosso país e, em particular, do estado de Santa Catarina. Embora tenhamos inúmeras iniciativas exitosas de DTS centradas na valorização de recursos territoriais específicos, esses conceitos nem sempre são mobilizados, sistematizados e refletidos do ponto de vista teórico-metodológico.

Este guia tem a pretensão principal de subsidiar profissionais ligados à pesquisa e, sobretudo, ao fomento do DTS na tarefa de auxiliar atores territoriais, munidos de método e de criatividade, a identificar e implementar ações de valorização de recursos territoriais específicos. Ele ajuda a pavimentar o caminho do conhecimento que ainda precisamos trilhar nesse domínio, a partir de estudos de experiências empíricas que adotem tanto os referenciais teóricos dos recursos territoriais específicos, quanto os da CBST.

Para finalizar, reafirmamos a mensagem do Prof. Pecqueur expressa no prefácio à edição francesa, para quem, este guia auxilia a refletir e sobretudo a praticar a arte de especificar recursos territoriais.

Ademir Antonio Cazella
Valério Alécio Turnes
Célio Haverroth
Antonio Carlos Pias de Castro

PREFÁCIO

(Versão original em Francês)

Bernard Pecqueur
É professor no Instituto de Geografia Alpina, Universidade de Grenoble-Alpes, pesquisador no laboratório PACTE e presidente da Associação de Ciência Regional de Língua Francesa (ASRDLF).

Este guia propõe um método de valorização dos recursos territoriais. Em princípio, nada disso parece original na medida em que qualquer projeto de desenvolvimento visa naturalmente identificar os recursos presentes localmente a fim de valorizá-los ao máximo. Entretanto, adicionar o adjetivo "territoriais" à definição de recursos renova profundamente estratégias de desenvolvimento. Assim, além de métodos concretos, pedagógicos e ilustrados, o guia revela uma percepção inédita do desenvolvimento. Em um mundo cada vez mais globalizado, a capacidade de controlar os próprios recursos econômicos para uma população ancorada em uma determinada área geográfica tende a enfraquecer. A partir de então, os territórios devem encontrar sua vocação e engajar-se em estratégias de especificidade ou diferenciação. Já não se trata de "fazer como o vizinho, se possível mais barato", mas sim de "fazer o que o vizinho não pode fazer". Este guia nos convida a chegarmos próximos deste objetivo. Em primeiro lugar, a noção de recurso territorial leva-nos para além da noção de atratividade – o que pode atrair pessoas de fora para os nossos territórios? – para desenvolver a de especificidade: o que pode vir da geografia do território para valorizar uma produção original? Compreende-se, portanto, que o contexto territorial, a história e a cultura do lugar, o conhecimento acumulado e mesmo a própria paisagem constituem um todo que modifica diretamente o valor da produção local. Não basta falar de "externalidades" locais que facilitam as condições de produção do território. A exploração do recurso territorial implica uma criação coletiva e uma construção social em escala territorial. Trata-se, de fato, de uma nova oportunidade para que os territórios em dificuldade apresentem um potencial oculto e novo.

Em segundo lugar, o recurso territorial pode constituir novos insumos para um produto específico. Mas pode também ajudar a desenvolver sinergias entre produtos e desencadear o desenvolvimento com base num conjunto de produtos e serviços (uma "cesta de bens").

Essa cesta baseia-se em atividades que desempenham o papel de "operador". O turismo é um bom exemplo disso, uma vez que liga a procura às várias ofertas coordenadas do território (produtos agroalimentares da região, paisagem, clima, patrimônio, história, entre outras). Pode-se então falar de uma verdadeira "oferta do sítio".

Por último, para alcançar esta oferta coletiva e construída, as autoridades locais desempenham um papel importante. As grandes etapas da descentralização, com a criação de comunidades territoriais de pleno direito em 1982, várias leis sobre o agrupamento de municípios, e a criação de "pays"[3] em 1999 marcaram uma forma de desengajamento do Estado e a emergência da "sociedade civil". Se acrescentarmos o peso crescente da Europa (particularmente com a maturidade dos programas LEADER), vemos que as políticas públicas para o desenvolvimento local foram profundamente renovadas com novos desafios e parcerias que não limitam o diálogo apenas ao debate entre comunidades e empresas, mas se abrem a iniciativas associativas que procuram reconectar a economia e o cidadão. Este movimento de iniciativas, que pode ser agrupado sob o título de "inovação social", contém grandes apostas para o futuro, que este guia desenvolve através de métodos e exemplos concretos.

Este é, pois, um guia para ser discutido e sobretudo praticado.

Grenoble, 6 de março de 2014.

Bernard Pecqueur

3 A referência a "pays" tem aqui um significado histórico, que remonta a divisões territoriais anteriores à Revolução Francesa que permanecem como identidades culturais em algumas regiões. Uma associação a favor da valorização dos "pays" históricos pelas políticas públicas foi criada em 1982 como resultado de vários encontros nacionais organizados desde 1975 por agentes do desenvolvimento local. Mais recentemente, o enfoque dos "pays" foi integrado às políticas públicas de desenvolvimento territorial (NRT).

PREÂMBULO

Valorizar os recursos para um
desenvolvimento ancorado no território

ESTE GUIA SE DESTINA A TODO TERRITÓRIO QUE SE QUESTIONA SOBRE SEUS RECURSOS E SEUS MODOS DE VALORIZAÇÃO

No processo de desenvolvimento, um território combina sempre uma diversidade de recursos, alguns deles genéricos, outros específicos do lugar. O recurso territorial que abordamos aqui é uma chave de desenvolvimento entre outras escolhas possíveis, não um fim em si mesmo.

O objetivo deste guia é propor um vasto diagnóstico do território, sem premissas de partida, para buscar compreender as complementaridades e articulações entre todos os tipos de recursos, genéricos ou territoriais. Ele propõe um **PROCEDIMENTO E FERRAMENTAS** para animar uma reflexão coletiva entre os atores locais. Ele se destina aos **ATORES TERRITORIAIS** encarregados do desenvolvimento (agentes de desenvolvimento do território, dos conselhos de agricultura, das estruturas de desenvolvimento turístico, entre outros). Será de interesse também para as **CADEIAS DE PRODUTOS** desejosas de ampliar sua ancoragem territorial.

No contexto da globalização, como ancorar o desenvolvimento do território? Como podemos criar valor – econômico, cultural, patrimonial – de forma sustentável para o território? Isto implica empregos, conhecimento, produtos, entre outros, que não podem ser deslocalizados ou copiados, e que distinguem os atores ou lugares. Não em um processo de fechamento identitário, mas ao contrário. Para ser reconhecido por uma qualidade e especificidade entre consumidores, usuários ou atores: uma especificidade em relação às realidades, à riqueza específica do território.

A ideia é apostar em potencializar – colocar em ação – recursos específicos de lugares, pessoas, espaços, história e território.

ASSIM, MUITAS QUESTÕES SE COLOCAM:

- **Como identificar estes recursos, recenseá-los, avaliá-los?**

  Um recurso só existe através do valor que as pessoas lhe reconhecem.

  Portanto, o desafio não é ter um olhar especializado sobre o potencial de um território, mas identificar, reconhecer e compartilhar o que é de valor para as pessoas do lugar e pode estar na origem de novas formas de valorização.

- **Como atuar na valorização desses recursos?**
  Um recurso compartilhado abre campos de valorização diversificados e complementares: econômicos, culturais, etc. Como identificar e avaliar esses campos de valorização promissores?
  Como projetar, em ações coletivas, esses novos potenciais de valorização para o território?

ESTE GUIA, BEM COMO AS FERRAMENTAS E REFERENCIAIS TEÓRICOS QUE O ACOMPANHAM, ESTÃO DISPONÍVEIS, EM FRANCÊS, PARA DOWNLOAD EM:

• www.suaci-alpes.fr/-Ress-Terr-
• www.psdr-ra.fr
• www.caprural.org

SUMÁRIO

CAPÍTULO INTRODUTÓRIO.....17
O que são os recursos? Por que devo me interessar?

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO.....30

FICHA 1 | **Nosso território tem recursos?.....35**

FICHA 2 | **Como valorizamos nossos recursos?.....45**

FICHA 3 | **Qual a estratégia de valorização e para quais recursos?.....55**

FICHA 4 | **Implantar um projeto territorial de valorização de recursos.....64**

FICHA 5 | **Organizar e desenvolver as competências territoriais 77**

CAIXA DE FERRAMENTAS.....87

FERRAMENTA 1 | **Fotolinguagem.....89**

FERRAMENTA 2 | **Gráfico de Radar.....97**

FERRAMENTA 3 | **Grade de caracterização de recursos.....111**

FERRAMENTA 4 | **Referencial para ativar um recurso em quatro etapas.....125**

FERRAMENTA 5 | **Organização dos meios de engenharia.....133**

GLOSSÁRIO.....140

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....142

CAPÍTULO INTRODUTÓRIO

✶

O que são os recursos?
Por que devo me interessar?

O QUE É UM RECURSO?

Pode ser considerado como "recurso" qualquer objeto material (um produto, por exemplo) ou imaterial (know-how, patrimônio cultural, entre outros) cujo valor é reconhecido localmente e, portanto, pode ser objeto de uma valorização individual ou coletiva. Alguns podem ser genéricos, como petróleo, produtos alimentares indiferenciados, como o leite, a carne, etc. Outros são específicos em seus modos de produção, ou em razão de sua forte interação com o território e a história dos atores. Ilustram bem isso o queijo Reblochon na Alta Savóia e a seda nas montanhas da região de Lyon.

A noção de "recurso" é **TRANSVERSAL**: se estende a todos os campos de atividade (agrícola, artesanal, industrial, etc.) e diz respeito a objetos materiais e componentes imateriais do território.

A especificidade não é "dada": resulta – pelo menos em parte – de um processo de **ESPECIFICAÇÃO:** definição e reconhecimento de modos de produção mais ou menos associados de um território (ilustrada pelo AOP - Denominação de Origem Protegida). A especificação também pode se relacionar ao reconhecimento de valores simbólicos: por exemplo, as curvas da subida da estrada para Alpe d'Huez se tornaram um recurso específico patrimonializado graças ao Tour de France.

Um recurso só existe através do valor que as pessoas lhe atribuem. Resulta de uma **CONSTRUÇÃO COLETIVA** e, portanto, não existe "a priori": permanece potencial, enquanto não for **ATIVADO POR UM PROJETO** de valorização (a exemplo do vento, antes da invenção dos moinhos, ou curvas na subida de Alpe d'Huez antes da invenção do Tour de France). Essa valorização pode ser mercantil ou não (patrimonial, cultural, entre outras).

No contexto de um território, um recurso não está limitado a "um produto e um uso". O recurso é de **NATUREZA SISTÊMICA**, composto por um conjunto

de objetos materiais e imateriais associados: assim, a um produto “queijo” podem estar associados um saber-fazer especial, tradições culturais, uma herança culinária, entre outros aspectos, cada um dos quais pode ser objeto de valorizações diferentes e complementares por diferentes usuários. Ativar um recurso territorial é assim criar elos de complementaridades, de sinergias, entre uma diversidade de valorizações.

NENHUM RECURSO É INERTE... Os recursos territoriais são o resultado de processos de evolução e construção. Eles se extinguem pela inoperância dos atores que os ativam. Eles podem se tornar comuns e perder seu valor específico.

↑ Um vale alpino como um outro?
Ou específico pela sua história, seu modo de desenvolvimento?

POR QUE SE INTERESSAR PELOS RECURSOS ESPECÍFICOS?

Os **RECURSOS ESPECÍFICOS SÃO A "ASSINATURA" E A AFIRMAÇÃO DA SINGULARIDADE DO TERRITÓRIO**, o que os distingue dos demais. A valorização dos recursos específicos constitui, portanto, um processo de diferenciação do território, pelo reconhecimento e a designação coletiva de recursos promissores dos valores compartilhados.

É também um processo de **CONSTRUÇÃO COLETIVA DO MODO DE "FAZER TERRITÓRIO"**, pela escolha de modos de valorização desses recursos, ao associar uma diversidade de usuários do território. Onde a abordagem econômica é compartimentalizada (em setores econômicos, cadeias, mercantis ou não-mercantis, entre outros), a abordagem de recursos procede de uma posição inversa: ela descompartimenta, cria cooperações, visa a finalidades tanto mercantis como não mercantis (construção social, territorial).

Enfim, é claramente uma **ALAVANCA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO** que permite reforçar a diferenciação das produções e a atratividade do território. A valorização dos recursos deve assim se apoiar sobre uma **ESTRATÉGIA DE ESPECIFICAÇÃO:** caracterização, reforço, ampliação, reconhecimento de todos os fatores de especificidade ligados ao contexto territorial, por exemplo, o procedimento AOP já mencionado, ou os selos territoriais como o de *Pays d'Art et d'Histoire* (*Pays* de Arte e História), entre outros.

POR UMA ESTRATÉGIA TERRITORIAL DE VALORIZAÇÃO DOS RECURSOS

Cada território pode ser caracterizado por um conjunto de recursos “específicos”, intimamente ligados à sua história, ao seu contexto socioespacial particular (produtos, paisagens, conhecimento, patrimônio cultural, etc.), que distinguem um território de outro.

POSTULAMOS AQUI QUE ESSES RECURSOS ESPECÍFICOS PODEM CONSTITUIR A BASE DE UMA ABORDAGEM ORIGINAL DE VALORIZAÇÃO TERRITORIAL pela qual os atores locais reconhecem e se apropriam do valor coletivo desses recursos para o território e se engajam em ações de valorização em campos variados e complementares (setores econômicos mercantis, atividades não mercantis culturais, patrimoniais, entre outras).

Para um ator territorial encarregado do desenvolvimento, a questão é saber **COMO RECONHECER ESSES RECURSOS**, então iniciar, desenvolver, coordenar novos modos de valorização associando uma diversidade de atores. **ESTA IMPLEMENTAÇÃO REQUER UMA ABORDAGEM RENOVADA DOS MÉTODOS DE DIAGNÓSTICO, DE PARTICIPAÇÃO DOS ATORES E DO ACOMPANHAMENTO DAS AÇÕES COLETIVAS.**

Essa é a ambição deste guia.

TERRITÓRIOS ENGAJADOS!

✶ALGUNS EXEMPLOS DE RECURSOS VALORIZADOS PELOS TERRITÓRIOS

Cada território, de acordo com seu potencial, valoriza diferentes categorias de recursos, segundo diferentes campos de valorização. Qualquer que seja a porta de entrada escolhida, o procedimento é semelhante: trata-se de **DESENVOLVER, INTERLIGAR, DIFERENTES CAMPOS DE VALORIZAÇÃO** ao desenvolver as redes e as coordenações de atores. **MUITAS VEZES, MAIS QUE NOVOS PONTOS DE PARTIDA, É ANTES A MANEIRA DE ABORDAR E ORGANIZAR A MOBILIZAÇÃO COLETIVA QUE MUDA E QUE PERMITE A INOVAÇÃO.** Os recursos constituem então a alavanca de desenvolvimento, capazes de mobilizar os atores do território em torno de valores comuns e de um projeto de valorização compartilhada.

Valorizações de produtos econômicos:
produtos agrícolas, artesanais, industriais,

Ex.: O Polo de Excelência Rural do *Pays* de Thônes, um projeto de território baseado na valorização dos seus queijos.

Valorizações culturais e patrimoniais

Ex.: O *Pays* de Maurienne valoriza seu patrimônio culinário com um projeto de gastronomia do território.

Valorizações turísticas

Ex.: O Parque de Vercors implanta uma estratégia de posicionamento turístico baseada em seus recursos de grande valor identitário: os patrimônios naturais emblemáticos (o Mont Aiguille, os desfiladeiros), produtos e o conhecimento agrícola (o *Bleu* du Vercors), entre outros.

Valorizações do patrimônio natural

Ex.: O Parque de Bauges está engajado em um selo chamado Geopark, que valoriza seus recursos geológicos específicos.

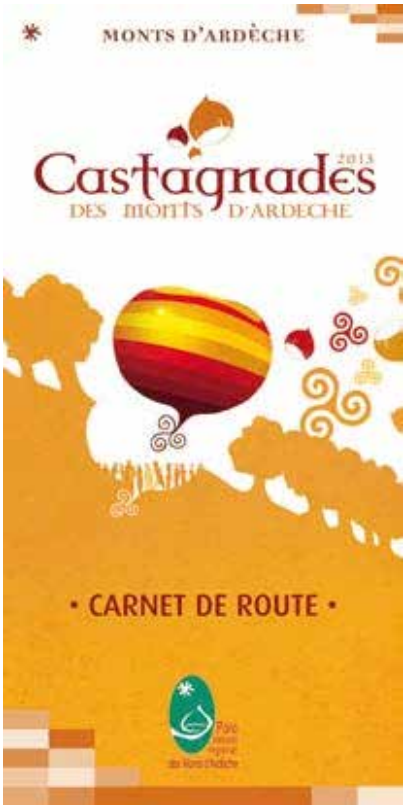
Ex.: Muitos parques valorizaram a biodiversidade das pradarias através do selo MAET (*Mesures agroenvironnementales territorialisées* ou Medidas Agroambientais Territorializadas) de Pradarias Floridas.

Ex.: As Baronnies Provençales valorizam seu patrimônio de biodiversidade vegetal através de um projeto territorial relativo a plantas aromáticas e medicinais.

1 | A castanha das montanhas da Ardèche

A presença da castanha e suas castanheiras nas montanhas da Ardèche é multissecular. A ideia de "revalorizá-la" nasceu por volta de 1980, de alguns atores envolvidos na vida cultural local, porque era considerada a "batata dos pobres" até o pós-guerra. Fazia igualmente parte de uma iniciativa de produtores de castanha que procuravam valorizar o seu produto. Ao mesmo tempo, as autoridades locais foram envolvidas na criação do Parque das Montanhas da Ardèche, uma iniciativa bem-sucedida em 1999.

Este conjunto de procedimentos foi então estendido para além da comunidade agrícola e seus produtores. De fato, na década de 1980, o envolvimento de redes de neorrurais e donos de restaurantes para introduzir gradualmente castanhas nos menus das pousadas e nos festivais culturais locais tomou forma gradualmente. A fim de coordenar e ampliar as atividades com essas redes, o comitê para a criação do Parque reuniu vários parceiros interessados no produto "castanha" e nos meios para valorizá-lo.



Os profissionais dos ofícios alimentícios (donos de restaurantes, confeiteiros, doceiros, padeiros) e da hotelaria, estudantes dessas diferentes áreas, a marca coleti-

va Ardèche “Prove Ardèche” e os produtores de castanhas. Para “mostrar que a castanha pode ser preparada de muitas maneiras diferentes, durante todo o ano, e para se afastar da ideia de que a castanha é um produto sazonal”, o comité organizou concursos gastronômico entre 1999 e 2001: primeiro um concurso local na Ardèche, depois para os finalistas um concurso internacional na Itália, juntamente com outros territórios produtores de castanhas.

No âmbito da promoção cultural das castanhas e produtos e serviços correlacionados, o comitê para a criação do Parque se apropria, no mesmo período, das festas e feiras agrícolas outonais espalhadas pelo território produtor, e as reúne num evento denominado “Castanhadas de outono”. Quando o projeto surge, trata-se essencialmente de animar o território, criando um evento festivo para que os habitantes se encontrem, realçando um patrimônio local. Todos esses festivais, de porte e programação heterogêneos, estão ligados por um fio comum artístico imaginado e organizado pelo Parque todos os anos. Desde 2005, adquiriram uma verdadeira dimensão turística.

☞ *Para saber mais: www.castagnades.fr*

2 - O Bleu da região Vercors-Sassenage

Diferentemente das montanhas da Ardèche, o território do Maciço de Vercors e a sua organização em Parque Natural Regional existia antes da revalorização do queijo *Bleu* de Sassenage. A emergência do projeto, associada à vontade de recuperar o patrimônio e o valor econômico do *Bleu* de Sassenage, pode ser identificada desde o início dos anos 1990. Um agricultor líder e visionário, movido pelo desejo de garantir uma melhor valorização do leite local, propôs então mobilizar o *Bleu* de Sassenage para a criação do primeiro queijo AOC (*Appelation d’Origine Contrôlée* ou Denominação de Origem Controlada), inteiramente integrado num Parque Natural Regional: a atração turística e a proximidade de zonas urbanas importantes garantiriam o êxito da operação.

Em uma primeira edição, setenta produtores juntaram forças nesse novo projeto e iniciaram o

processo de obtenção do selo de qualidade desse queijo local, o *Bleu* de Sassenage, deixado de lado durante várias décadas, embora tendo origens na Idade Média e cujos vestígios foram encontrados no maciço de Vercors.

Os agricultores se organizaram e formaram o Sindicato de Defesa do *Bleu* do Vercors Sassenage (SIVER) em 1993. Inicialmente, essa iniciativa contou apenas com a produção de lacticínios, o Sindicato é apoiado por um industrial, membro da cooperativa de Villard-de-Lans.

Quanto à produção na unidade agrícola, quatro produtores se lançam na pesquisa e reinventam uma receita desaparecida há mais de 70 anos. A Associação para a Promoção dos Agricultores do Parque (APAP) coloca à disposição um instrutor em tempo parcial e são organizados cursos de formação. Um dos agricultores empresta seu local para a construção de uma queijaria-laboratório. O pequeno grupo de produtores se reunirá ali regularmente com um técnico de queijos do Instituto Técnico do *Gruyère.* Em 1995, a receita foi lançada. Um Programa Integrado de Desenvolvimento Agrícola (PIDA), liderado pelo SIVER e pelo Parque, financiará a construção de usinas de processamento nas unidades agrícolas entre 1997 e 2000. O queijo *Bleu* do Vercors Sassenage "fermier"[4] pode ser considerado como uma inovação camponesa inspirada em uma herança passada, com um componente organizacional (a criação do sindicato) e um componente técnico (o processo de fabricação).

Como as normas relativas ao produto estão sendo formalizadas pela identificação do saber-fazer e elaboração dos cadernos de normas, durante inúmeras reuniões, em parceria com o Parque, é decidido fazer um festival do *Bleu*.

4 A menção "fermier" equivale a "colonial" para o Sul do Brasil. Indica que o produto é feito na unidade agrícola familiar (NRT).

O primeiro festival acontece em 2001. O evento foi organizado pelo SIVER e financiado pelo Parque. O festival dura dois dias e abrange exclusivamente os municípios da zona AOC. Ele muda de sede todos os anos, alternando entre os munícipios ora de Isère, ora de Drôme. Com um público recorde de mais de 15.000 visitantes em dois dias, o festival do Bleu se tornou, pouco a pouco, um evento de porte.

Depoimentos colhidos em pesquisa: Nguyen M. – “Les modalités de renouvellement des ressources territoriales” – Gis Alpes Jura, supagro Montpellier – psdr3 ressterr – 2009.

✶O DEPOIMENTO DOS AGENTES DE DESENVOLVIMENTO

- **AMANDINE ALLIER,** AGENTE DE DESENVOLVIMENTO "CRIAÇÃO DE EMPREGOS E DE ATIVIDADES" NUM SÍTIO PRÓXIMO.

"Nos últimos meses, venho trabalhando para apoiar o crescimento de uma associação que desenvolve o projeto 'Aldeia do Livro' em um município rural de 1800 habitantes. O sucesso desse projeto parece abrir de fato perspectivas a longo prazo para o desenvolvimento turístico e econômico.

A fim de permitir que os habitantes se apropriem dessa questão do Livro e das suas variações, pergunto-me como ancorar esse projeto – nascido da iniciativa de algumas pessoas – ao território?

Ao apropriar-me da noção de recursos territoriais, tive a oportunidade de abordar esse questionamento por um ângulo diferente, o que me permite analisar, via as ferramentas propostas, as especificidades do território e depois definir como o projeto pode a ele ser integrado, por exemplo, através de pontes com os recursos existentes e já valorizados."

- **LOUIZA FERADJ-MAMMERI**, ENCARREGADA DE ASSESSORAR OS COODENADORES DE PROJETO NO COMITÊ DEPARTAMENTAL PARA O TURISMO DE RHÔNE.

"A minha questão atual trata da estruturação e promoção do turismo nos territórios de Rhône, para além dos limites da Grande Lyon: como podemos distinguir esse novo território que está surgindo na periferia dessa metrópole e o que podemos destacar que seja sua oferta específica? A abordagem baseada em recursos imediatamente me desafiou e me levou a questionar a identidade desse novo território e seus recursos, tais como os *terroirs*[5], as paisagens, o saber-fazer em termos de construções, a arte de viver e a gastronomia como possíveis alavancas para a valorização.

O intercâmbio e os questionamentos me deram vontade de testar as ferramentas propostas, por exemplo, para fazer o inventário de todos os recursos, posicionar o território e ver o que fazer no contexto de um

5 A expressão francesa "terroir" indica as particularidades edafológicas e climáticas de uma porção do território que propicia produções específicas. Um território de desenvolvimento pode ter vários "terroirs" (NRT).

encontro com os atores locais (os políticos locais, os responsáveis dos departamentos de turismo, os profissionais, entre outros). Tenho a sensação de que fazer as perguntas certas já é um grande passo para resolver o problema."

- **OLIVIER NICOD**, ENCARREGADO DE PROJETOS AGRÍCOLAS E FLORESTAIS DO SINDICATO MIXTO RHÔNE PLURAL.

"Trabalho num território que é rico em vinhedos de qualidade. Desde o final dos anos 90, os viticultores têm tentado, através de uma associação, reativar um antigo vinhedo, presente desde a época romana. Eu me pergunto sobre o modo de valorizar esse vinhedo, desaparecido por um longo período, senão pela própria qualidade de sua produção. Uma primeira caracterização das especificidades desse recurso vitícola (histórica, patrimonial, ambiental) levou-me a ampliar meu diagnóstico ao buscar ligações com outros recursos específicos do território. Essa abordagem ampliada dos recursos territoriais permitiu ver laços interessantes a estabelecer com alguns deles: patrimônio da antiguidade, patrimônio gastronômico, eventos. Finalmente, esses laços poderiam criar valorizações específicas e conduzir à construção de um projeto territorialmente coerente."

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

~~~

Identificar e valorizar os recursos específicos de um território
~~~

APRESENTAÇÃO

✶

Este guia fornece **FICHAS METODOLÓGICAS E FERRAMENTAS** para facilitar e coordenar uma abordagem coletiva na identificação e valorização dos recursos.

O procedimento compreende cinco etapas, desenvolvidas em cinco fichas metodológicas (Cf. Portal ao lado):

- inventário coletivo da "coleção de recursos" do território;
- avaliação dos recursos (de qualquer natureza), de acordo com seus modos de produção e valorização;
- reflexão estratégica quanto ao potencial de recursos específicos e sua valorização;
- formalização de um procedimento-projeto de valorização territorial dos recursos específicos;
- organização das competências territoriais para permitir uma ambição de desenvolvimento dos recursos ao longo do tempo.

COMO USAR ESTE GUIA?

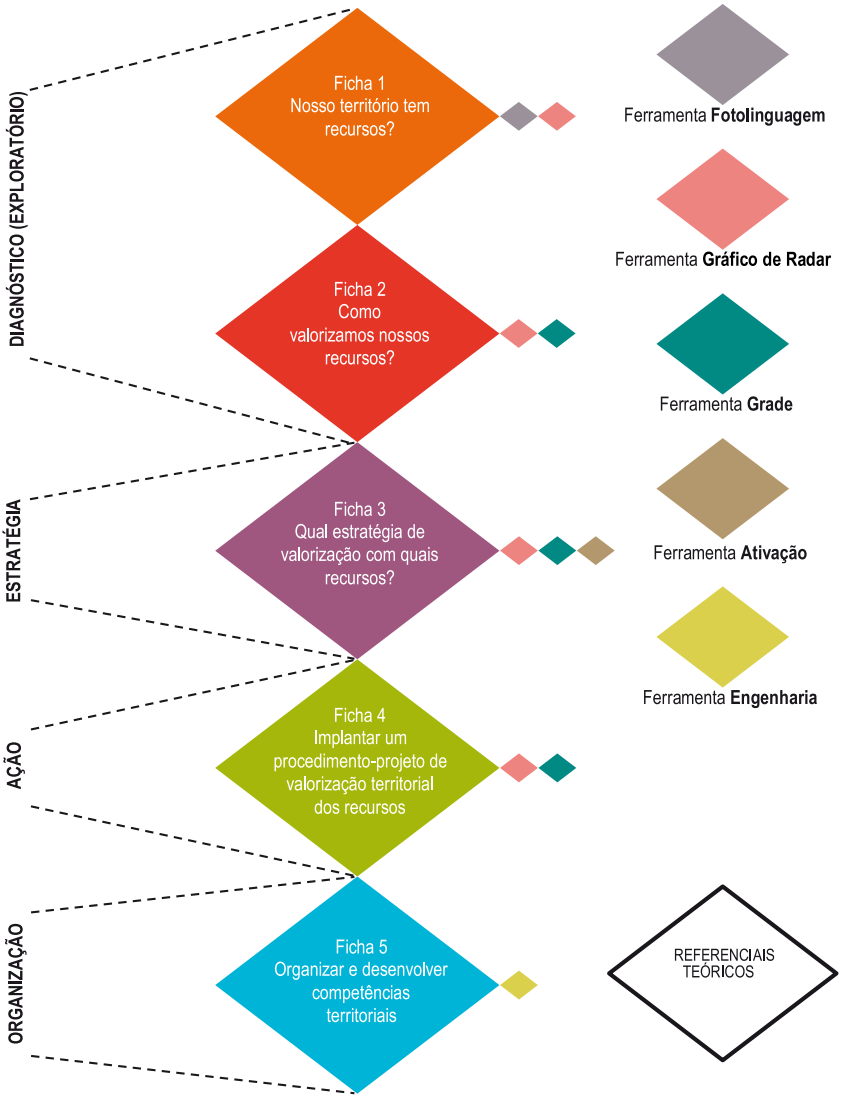
A valorização dos recursos não pode ser reduzida a uma abordagem linear, "padronizada": como um processo coletivo, sua execução depende do mapa das representações que os atores têm dos recursos, seu grau de organização e articulação, sua capacidade de ação coletiva, etc. Ela se desenvolve por períodos longos, com seus sucessos, suas dificuldades... Cada histórico é único: **ASSIM, ESTE GUIA PROPÕE PARÂMETROS DE REFERÊNCIA PARA SE SITUAR DENTRO DE UM PROCESSO DE VALORIZAÇÃO E PRIORIZAR ESSA OU AQUELA ETAPA METODOLÓGICA DE ACORDO COM AS SUAS NECESSIDADES**.

Seguindo esta lógica, este Guia é concebido com base nas perguntas que os atores podem fazer a si mesmos sobre métodos de desenvolvimento, recursos territoriais, setores econômicos, etc.

Cada **FICHA METODOLÓGICA TEM USO INDEPENDENTE**. Essas fichas são complementadas por **FERRAMENTAS DE DIAGNÓSTICO** que podem ser mobilizadas em uma situação de animação de uma reflexão coletiva.
O Portal ao lado permite ao usuário uma navegação interativa entre fichas e ferramentas, de acordo com suas necessidades.

Como complemento a este guia, o módulo **REFERENCIAIS TEÓRICOS** aprofunda os conceitos abordados. Está disponível on-line (cf. links p.5).

PORTAL


DIAGNÓSTICO (EXPLORATÓRIO)
ESTRATÉGIA
AÇÃO
ORGANIZAÇÃO
Ficha 1
Nosso território tem recursos?
Ficha 2
Como valorizamos nossos recursos?
Ficha 3
Qual estratégia de valorização com quais recursos?
Ficha 4
Implantar um procedimento-projeto de valorização territorial dos recursos
Ficha 5
Organizar e desenvolver competências territoriais
Ferramenta Fotolinguagem
Ferramenta Gráfico de Radar
Ferramenta Grade
Ferramenta Ativação
Ferramenta Engenharia
REFERENCIAIS TEÓRICOS

Ficha 1

NOSSO TERRITÓRIO TEM RECURSOS?

✶

Identificar
os recursos do território
já valorizados
ou valorizáveis

OBJETIVO

☞ Identificar “o que define ou poderia definir um recurso”. Pôr em evidência os potenciais de recursos específicos.

CAIXA DE PERGUNTAS

- Quais são, para os atores, as riquezas particulares do território valorizadas ou não?
- Quais delas são específicas do lugar, de sua história, de sua cultura?
- Qual a ideia que se tem disso? Que valores os diferentes atores têm delas?

PRINCÍPIO METODOLÓGICO

Propomos uma abordagem consistindo em facilitar um **CRUZAMENTO DE OLHARES ENTRE UMA DIVERSIDADE DE ATORES DO TERRITÓRIO** encarregados de discorrer muito amplamente sobre “o que constitui ou poderia constituir recursos” (com a ideia de também fazer emergir recursos potenciais). O resultado dessa etapa depende, em grande parte, da constituição do coletivo de atores apropriado: é necessário um bom conhecimento do território e das redes de atores. Também é particularmente útil associar à reflexão ATORES DE FORA DO TERRITÓRIO, portadores de uma representação sobre sua imagem e suas especificidades.

A abordagem baseia-se na visão compartilhada dos atores sobre os objetos do território que eles consideram importantes para eles, seja no plano econômico, cultural, ambiental, etc.

Pode se tratar de:

- objetos materiais ou imateriais – uma paisagem, um produto[6],

6 No texto o termo “produto” refere-se a qualquer resultado de um setor de atividade, seja ele agrícola, artesanal, industrial, cultural, etc.

um saber-fazer, uma tradição cultural, entre outros – já valorizados no plano econômico, cultural, etc.;

- objetos ainda não valorizados, mas que parecem importantes e/ou têm potencial de reforçar outros recursos, como por exemplo a paisagem para um produto agrícola.

A dimensão participativa desse procedimento é essencial. Pode consistir em um workshop de autoavaliação coletiva, baseada na perícia dos participantes, eventualmente completada ou alimentada por uma perícia técnico-científica. Esta etapa é o primeiro "momento compartilhado" de uma abordagem territorial de valorização de recursos.

Duas entradas são possíveis, ou mesmo complementares:

1 - QUESTIONAMENTO SOBRE OS RECURSOS NA ESCALA DO TERRITÓRIO

Trata-se de estabelecer uma espécie de inventário, a partir de métodos do tipo **FOTOLINGUAGEM OU METAPLAN**. O que dentro do território pode «constituir recursos» poderá assim ser identificado numa coleção de objetos.

O recurso do suporte fotográfico favorece a ampliação do olhar e facilita a expressão e o intercâmbio. Isso possibilita apreender, a partir dos discursos dos atores, as representações individuais e coletivas. E traz também uma dimensão prospectiva, ao referir-se a um imaginário em que o ator se projeta (com elementos da sua experiência pessoal), ao selecionar um significado particular, ao privilegiar certos detalhes, ao atribuir propriedades ao que é representado na fotografia, a partir do que ela desperta nele.

Os recursos inventariados podem ser classificados por tema ou tipo de recurso, conforme ilustrado pelos exemplos da Ficha Ferramenta 1.

- FERRAMENTA 1 **Fotolinguagem**

2 - QUESTIONAMENTO SOBRE UM RECURSO PARTICULAR

Trata-se de descrever os elementos constitutivos desse recurso (por exemplo, para um queijo, um saber-fazer, uma raça bovina) ou que estão relacionados com ele (ex. uma paisagem). Por exemplo, nos Montes de Ardèche, foi inicialmente o castanhal que recebeu reconhecimento e valorização, num momento em que a castanha, enquanto produto de consumo, tinha perdido a sua atratividade econômica. A valorização da castanha veio em seguida, sob diferentes formulações de produtos alimentícios transformados (farinha, entre outros). O sucesso do renascimento dos festivais tradicionais logo levou a uma valorização culinária com os proprietários de restaurantes e, em seguida, turística com diferentes produtos de "descoberta". O recurso "castanha" revela assim um potencial de valorização que vai muito além do produto em si e beneficia outras redes de atores que não apenas os produtores de castanhas.

O interesse consiste em considerar um "recurso", seja ele qual for, como um objeto "multifacetado" a partir de diversos pontos de vista, de modo a compreender seus **COMPONENTES E POTENCIAIS DE VALORIZAÇÃO**. Para tanto, propomos uma ferramenta simples que pode ser usada nas oficinas com os grupos.

- FERRAMENTA 2 **Gráfico de Radar** – etapa 1

SUGESTÕES DE EXECUÇÃO

Essa questão é mais enriquecedora se for colocada coletivamente. **NUMA ABORDAGEM INICIALMENTE TERRITORIAL** – sem focar previamente um ou vários recursos em particular e que possa ter partido da iniciativa dos políticos ou técnicos – de uma intercomunidade, de um *pays*, de um sindicato misto de SCOT, isto é, *Schéma de Cohérence Territoriale* (esquema de coerência territorial), entre outros. Ela pode também ter partido de atores das associações de desenvolvimento local. Para responder a esse questionamento, os atores que iniciaram o processo devem logicamente fazer uma mesa redonda com a diversidade de vários atores: operadores de turismo, agricultores, artesãos... Escolhendo o método, a identificação dos recursos pode assim ser realizada para chegar a uma coleção que constituirá então a base de trabalho.

O procedimento é idêntico caso a entrada do questionamento seja sobre um **RECURSO JÁ IDENTIFICADO**, exceto se os atores reunidos estiverem direta ou indiretamente implicados com o recurso em questão. Nesse caso, trata-se de uma reflexão sobre o que compõe o recurso, e não do inventário territorial.

Em todos os casos, a escolha dos atores a serem reunidos pode ser mais ou menos centrada em torno daqueles com os quais desejamos ampliar a ativação do recurso: por exemplo, restaurantes ou operadores turísticos em relação a um produto agrícola.

Um ator público, tipo de consórcio intermunicipal, parece ser o mais legítimo para coordenar o processo o mais rapidamente possível. Pode então ser organizado em torno de um conselho de coordenação que, se necessário, solicita workshops coletivos sobre temas ou espaços mais precisos.

PRECAUÇÃO

A dimensão temporal do(s) recurso(s) também deve estar fortemente presente para a correta percepção de sua ancoragem no território. Para tanto, as ferramentas propõem questões do tipo: há quanto tempo o recurso é conhecido? Quais são os períodos ou eventos significativos na história do território? Mesmo que esses períodos não tenham um link direto com os recursos identificados, eles podem ser chaves para a compreensão.

O PRODUTO DESSA ETAPA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A CONTINUIDADE DO PROCEDIMENTO

- Uma **COLEÇÃO DE RECURSOS**: uma lista do que é reconhecido coletivamente pelos atores como tendo valor para o desenvolvimento do território, e particularmente o que constitui a riqueza de seu "conteúdo específico". Esses recursos foram parcialmente descritos em seus conteúdos, sua história etc.
- Uma **DESCRIÇÃO DE OBJETOS** que podem ser controversos em seu modo de produção ou uso.

Esse material reúne de forma difusa e delineada a "profundidade" do território que se tratará de revelar, partilhar, valorizar e comunicar. Ele constitui um marco de partida para escrever e comunicar uma "narrativa" do território através dos seus recursos específicos (cf. ficha 4).

Há outros **MÉTODOS DE QUESTIONAMENTO COLETIVO** sobre as especificidades de um território:

- As "Entrevistas do *terroir*" desenvolvidas pela associação *Terroirs* e Culturas propõem um conceito de trocas e exploração coletiva dos componentes de um *terroir.* (www.terroirsetcultures.org).
- Os métodos de marketing territorial propõem abordagens para o desenvolvimento coletivo do "Retrato de Identidade" com o

objetivo de evidenciar e formalizar os componentes identitários de um território.

Esses dois métodos requerem a utilização de conhecimentos especializados e, por vezes, exigem um período de tempo considerável (vários meses para o “retrato de identidade” aplicado a uma região).

Ficha 2

COMO VALORIZAMOS NOSSOS RECURSOS?

✶

Levantamento da especificidade dos recursos segundo seus modos de produção e valorização

OBJETIVO

☞ O objetivo desta etapa é elaborar, com base no inventário (cf. ficha 1), um levantamento das maneiras pelas quais os recursos do território são valorizados. Em particular, trata-se de caracterizar a **NATUREZA DAS LIGAÇÕES ENTRE OS RECURSOS E O TERRITÓRIO, PARA EXPLICITAR OS ATUAIS FATORES DE ESPECIFICIDADE** e seus potenciais de evolução.

Trata-se de caracterizar para cada recurso:

- **A LIGAÇÃO AO TERRITÓRIO NOS MODOS DE PRODUÇÃO: GRAU DE ESPECIFICIDADE DA OFERTA** local em produtos ou serviços ligados ao recurso. Essa especificidade está ligada a métodos de produção independentes do local (por exemplo, agricultura biológica) ou está ligada às características do território (por exemplo, procedimentos AOP)?
- **A LIGAÇÃO AO TERRITÓRIO NAS FORMAS DE VALORIZAÇÃO: NATUREZA DAS RELAÇÕES COM OS CONSUMIDORES E OS USUÁRIOS** do recurso nas atuais formas de valorização: simples troca mercantil sem ligação com os consumidores (“anonimato” do mercado), relações de proximidade (como em certas formas de circuitos curtos), ou envolvimento de usuários do recurso em várias formas de valorização (por exemplo, valorizações culturais, a exemplo de eventos como o festival do Bleu no Vercors, ou das “Castanhadas de Outono” nos Montes de Ardèche).

Essa abordagem deve permitir em seguida uma reflexão sobre a estratégia de desenvolvimento.

CAIXA DE PERGUNTAS

- Por meio do que podemos caracterizar as especificidades do(s) recurso(s) em questão?
- O que podemos dizer de seus modos de valorização?

PRINCÍPIO METODOLÓGICO

1 - SITUAR OS RECURSOS SEGUNDO MODOS DE PRODUÇÃO E VALORIZAÇÃO

Propomos para isso uma **GRADE DE CARACTERIZAÇÃO DOS RECURSOS**. Ela consiste em posicionar os recursos do território de acordo com dois eixos que caracterizam a especificidade dos métodos de produção, por um lado, e a natureza dos métodos de valorização, por outro, de acordo com as ligações com a procura (relações entre produtos e consumidores ou usuários). Essa grade pode ser utilizada para recursos **JÁ ATIVADOS**, que são objeto de trocas com consumidores, e/ ou valorizações por diferentes usuários.

Essa grade, ao fornecer uma visão geral do posicionamento dos vários recursos de acordo com a sua lógica de produção e valorização, **CONSTITUI UMA IMAGEM SINTÉTICA DOS MODOS DE DESENVOLVIMENTO NO TERRITÓRIO.**

- FERRAMENTA 3 **Grade de caracterização de recursos** – etapa 1

2 - DESCREVER E AVALIAR OS COMPONENTES DE CADA RECURSO

Trata-se de descrever os diversos componentes (produtivos, técnicos, culturais, ambientais... Cf. Ficha 1) dos recursos julgados interessantes e selecionados pelos atores.

Procedemos a:

- Uma descrição da avaliação atual de cada componente e um inventário das categorias de atores envolvidos (atores individuais, redes, organizações etc.),
- Partilhar pontos de vista sobre o potencial de valorização de componentes que ainda não foram valorizados (ou que foram aban-

donados) e que são interessantes do ponto de vista da sua possível contribuição para a especificação do recurso em questão.

- FERRAMENTA 2 **Gráfico de Radar** – etapa 2

SUGESTÕES DE EXECUÇÃO

Tal como na fase anterior, esta fase deve ser conduzida numa configuração coletiva que integre uma diversidade de atores envolvidos (políticos, agentes socioprofissionais, peritos locais ou externos, entre outros).

Trata-se de uma fase de autodiagnóstico coletivo que deve envolver qualquer pessoa que possa contribuir para avaliar, com o seu conhecimento e experiência, os métodos de especificação ou ativação de recursos (por exemplo, os atores profissionais estarão na melhor posição para definir se existem cadernos de normas de produção, transformação ou valorização.).

No caso de uma REFLEXÃO TERRITORIAL DE RECURSOS, a classificação na grade da coleção de recursos estabelecida na etapa anterior pode ser analisada tanto de uma única vez pelo grupo todo quanto em duas etapas:

- **CLASSIFICAÇÃO PRÉVIA SEGUNDO OS PERITOS**, mobilizando algumas pessoas capacitadas para reunir conhecimentos sobre o território e as atividades relacionadas com os recursos identificados;
- **PÔR EM DISCUSSÃO ESSA CLASSIFICAÇÃO NO COLETIVO DE ATORES**: trata-se então de concordar coletivamente sobre, por um lado, o posicionamento de cada recurso na grade (a visão do conjunto permite aqui uma abordagem comparativa entre os recursos que facilita o diagnóstico) e, de outro lado, com a imagem global do território resultante dessa classificação.

A situação dos recursos na grade, se puder ser discutida a partir dos critérios propostos, não é “absoluta” e pode ser influenciada pela representação que os atores têm deles. Se desejarem, ou se lhes parecer relevante para enriquecer o processo, os atores podem priorizar a reflexão sobre os componentes que parecem mais interessantes ou principais.

A reflexão sobre os COMPONENTES DE UM OU DE ALGUNS RECURSOS PARTICULARES pode ser conduzida de imediato por um grupo de atores. Os atores usam o gráfico de radar elaborado anteriormente, refletindo sobre os modos de ativação dos vários componentes. Eles podem em seguida situá-los na grade para ter uma visão mais territorial.

No final dessa fase, os atores terão realizado um verdadeiro levantamento dos seus recursos. A base de trabalho é estabelecida para desenvolver uma estratégia coletiva.

CHAVES DE LEITURA PARA UMA UTILIZAÇÃO COMBINADA DAS DUAS FERRAMENTAS: “GRADE DE CARACTERIZAÇÃO” E “GRÁFICO DE RADAR”

O objetivo da grade de caracterização é fornecer uma interpretação territorial e global da diversidade de recursos.

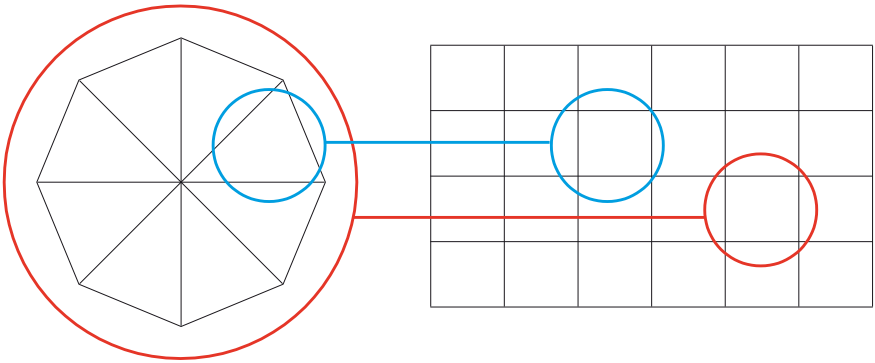
O gráfico de radar aprofunda o “conteúdo” de um recurso e os seus potenciais de valorização.

Essas duas ferramentas devem ser utilizadas de modo combinado para preparar o questionamento estratégico da etapa que vem a seguir. Assim, um queijo, como um produto, pode ser posicionado na grade de acordo com sua lógica de produção e comercialização (círculos e linhas azuis).

Mas pode igualmente ser considerado como a componente “produ-

zido" de um recurso mais vasto (círculo e linhas vermelhas), que inclui o saber-fazer, o patrimônio cultural, uma paisagem particular, entre outros, que também contribuem para a especificidade e podem ser objeto de valorizações.

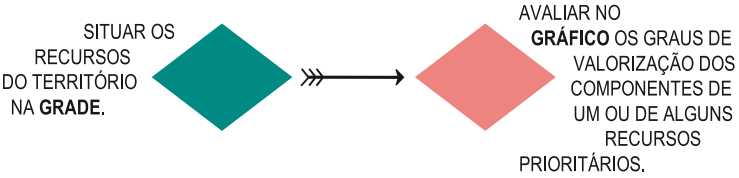
As duas ferramentas, assim combinadas num questionamento iterativo entre recursos e território, permitem explorar **POTENCIAIS DE TERRITORIALIZAÇÃO.** Na ficha 3 trataremos de analisar a respeito das evoluções desejáveis e os encaminhamentos para executá-las.



↑ *A articulação entre Grade e Gráfico de Radar*
— um recurso constituído de um conjunto de componentes valorizados
— um produto, componente elementar de um recurso

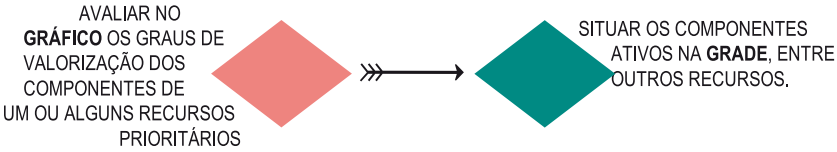
1 - NA PRÁTICA, PÔR UM QUESTIONAMENTO NA ESCALA DO TERRITÓRIO:

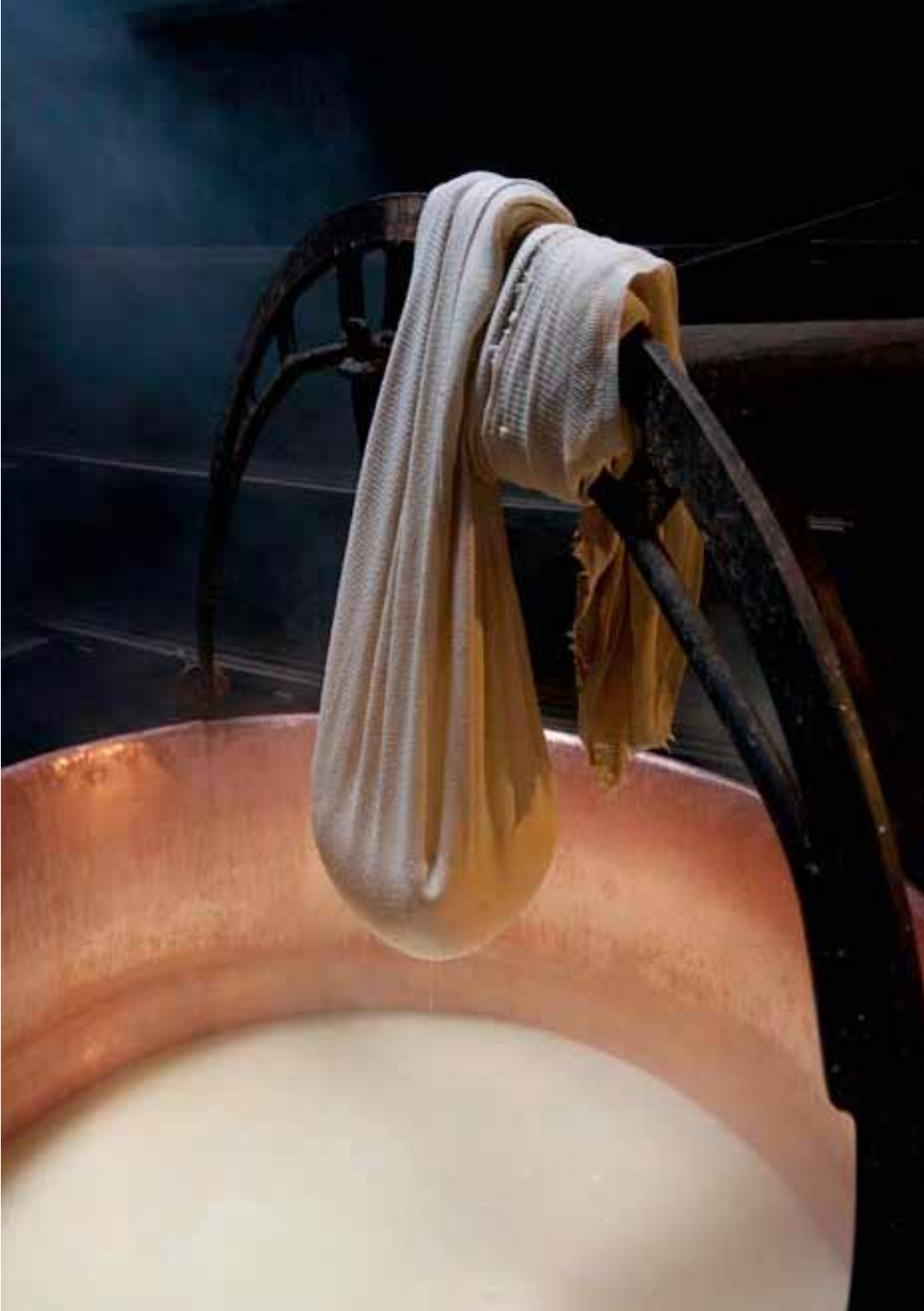
- Começar por localizar na grade de caracterização os recursos resultantes do “inventário”.
- Em seguida, um gráfico de radar pode ser elaborado para cada recurso considerado interessante para ser desenvolvido. No gráfico, são então posicionados os componentes desse recurso cujo grau de valorização se avalia qualitativamente.



2 - NA PRÁTICA, PÔR UM QUESTIONAMENTO DE UM RECURSO EM PARTICULAR:

- Com o auxílio do gráfico, começar por descrever os componentes do recurso e seu grau de valorização atual.
- Situar na grade os componentes já ativados, e considerados mais interessantes, para caracterizar sua especificidade e situá-los entre outros recursos em uma visão territorial. O interesse aqui é de des compartimentar a reflexão, aproximando recursos de diferentes se tores de atividades para introduzir uma reflexão sobre possíveis complementaridades.





Ficha 3

QUAL ESTRATÉGIA DE VALORIZAÇÃO E PARA QUAIS RECURSOS?

✶

OBJETIVO

☞ O levantamento detalhado permitiu caracterizar a diversidade de recursos e a sua especificidade. Permitiu identificar recursos promissores e componentes valorizáveis em um projeto futuro.

Trata-se de definir, a partir desses elementos, as grandes linhas de uma estratégia de valorização dos recursos a serem implementa das na sequência no quadro de um projeto territorial.

CAIXA DE PERGUNTAS

- De acordo com a sua situação e o meio ambiente, há oportunidade para que o território e as atividades promovam recursos locais específicos a fim de melhor se diferenciar?
- De um modo geral: sobre quais desses recursos se pode, ou se deseja, agir? Quais são os avanços desejados? Quais mudanças nos modos de produção ou de valorização, articulações entre recursos, entre outras?

PRINCÍPIO METODOLÓGICO

Propomos aqui uma **MATRIZ DE QUESTIONAMENTO ESTRATÉGICO** sobre os recursos prioritários, os seus modos de valorização, os eixos de avanços desejados e as medidas a serem mobilizadas.

Essa matriz de questionamento – cf. encarte da próxima página – deve ser retomada e completada pelos usuários. Ela permite formalizar as grandes orientações definidas ao cabo dessa reflexão estratégica. Ela constitui um documento de referência antes de passar a uma reflexão mais operacional sobre as ações a serem implantadas.

Para preenchê-la, o usuário poderá recorrer às seguintes fichas ferramentas:

- FERRAMENTA 2 **Gráfico de Radar** – etapa 3
- FERRAMENTA 3 **Grade de caracterização de recursos** – etapa 2
- FERRAMENTA 4 **Repositório para ativar um recurso em quatro etapas**. Essa ficha permite ao usuário avaliar o estado de valorização atual de um dado recurso, e propõe as medidas de ação pertinentes para cada etapa.

CUIDADO!

Também é importante avaliar os possíveis obstáculos ou limites nos jogos de atores, nas práticas, nos setores econômicos ou em qualquer medida de ativação.

FORMULAÇÃO DAS ESCOLHAS DE ORIENTAÇÕES ESTRATÉGICAS

Ficha de síntese a ser preenchida

✶

- De acordo com a situação e o ambiente territorial, há oportunidade para o território e as atividades de valorização dos recursos locais específicos a fim de melhor se diferenciar?

  - **SUA ARGUMENTAÇÃO**

- De um modo geral: sobre quais desses recursos se pode, ou se deseja, agir? Quais são os recursos promissores para distinguir o território? Também é importante avaliar os freios ou eventuais limites no desempenho dos atores, nas práticas, nas cadeias de produtos ou em qualquer medida de ativação.

- Qual o grau de especificidade desses recursos? Em qual direção fazê-los evoluir e por quê?

  ▸ **SUA SELEÇÃO DE RECURSOS ARGUMENTADA**

- Quais são os avanços desejados? Quais mudanças nos modos de produção ou de valorização articulações entre recursos e entre outras? O que se ambiciona para o território dentro de 5, 10 anos?

  ▸ **SEUS OBJETIVOS DE EVOLUÇÃO DENTRO DE 5, 10 ANOS**

- Quais são as medidas de ação para um procedimento de valorização coerente?

  ▸ Como está a ativação atual de cada recurso considerado e quais são os requisitos de consolidação nesse estágio?

  ▸ FERRAMENTA 4 **Referencial para ativar um recurso em quatro etapas**

  ▸ Para os recursos considerados, quais necessidades e objetivos nos seguintes eixos de ação? Com quais atores?
  a) consolidar a especificação (ou a ancoragem no território);
  b) desenvolver/expandir os métodos de valorização e participação dos atores;
  c) reforçar a apropriação de recursos por atores locais e sua notoriedade para atores externos ao território;
  d) manter a qualidade dos recursos e possibilitar sua difusão.

  ▸ **SUA LISTA DE POSSÍVEIS OBJETIVOS PARA CADA EIXO DE AÇÃO**

- Quais são os pontos de vigilância identificados que condicionarão a realização de tal abordagem? (atores-chave para mobilizar, freios, limites a superar, contradições para resolver.)

FICHA 4 “IMPLANTAR UM PROJETO TERRITORIAL” PERMITIRÁ APROFUNDAR ESSAS MEDIDAS DE AÇÃO E FORMALIZAR UM PLANO DE AÇÃO DEFININDO OS OBJETIVOS E AS ETAPAS DE REALIZAÇÃO.

SUGESTÕES DE EXECUÇÃO

Trata-se aqui de trabalhar numa estratégia de projeto a partir das bases de trabalho – grade e/ou gráfico – previamente desenvolvidas. Pode ser interessante associar uma instância de decisão (um conselho gestor que decidirá as diretrizes) e uma instância mais informal do tipo câmara consultiva que pode apresentar propostas ao conselho gestor.

- Num primeiro momento, os atores devem, baseados nos levantamentos locais, considerar a estratégia global de desenvolvimento desejada: forte ancoragem territorial dos recursos, moderada ou não? Forte ancoragem territorial ou não dos modos de valorização desejados? De acordo com o levantamento, há recursos posicionados "no canto inferior direito" da grade, com potencial de articulação com o território? Caso contrário, onde se encontram: globalmente, o território está associado a modos de valorização específicos ao território, e/ou de valorização específicos do território, e/ou de proximidade, e/ou genéricos?

  Por exemplo, no Vercors existem recursos com uma forte especificidade territorial (*Bleu* de Vercors, espeleologia), outros com uma lógica de valorização de simples proximidade (marca parque para a carne, entre outras).

- Cabe então se perguntar se a situação atual satisfaz as perspectivas desejadas ou se as evoluções dos recursos são desejáveis e viáveis. Dito de outra forma, na grade, queremos "territorializar" mais fortemente certos recursos, e quais? Em outras palavras, certos recursos devem mudar de forma (especificando modos de produção mais precisos, desenvolvendo ligações com o território através de novos modos de valorização...? A grade e o gráfico devem ser usados nessa fase em complementaridade. A grade, para trabalhar na visão geral dos recursos e refletir sobre as estratégias de especificação; o gráfico, para avaliar os componentes dos recursos e escolher as medidas de valorização mais promissoras.

- No final desse trabalho, os atores devem ter conseguido:
  - Definir os eixos estratégicos em matéria de desenvolvimento: objetivos definidos em matéria de especificidade territorial, recursos prioritários, etc.
  - Formalizar os objetivos de valorização de um ou de alguns recursos selecionados (componentes a serem ativados, medidas de ação, complementaridades a se estabelecer entre diversos recursos, atores a mobilizar, etc.).

La Maurienne dans l'assiette

LE GUIDE 2012-2013

Restaurateurs et Producteurs de Maurienne

Ficha 4

IMPLANTAR UM PROJETO TERRITORIAL DE VALORIZAÇÃO DE RECURSOS?

✶

OBJETIVO

☞De acordo com a estratégia definida, identificar etapas e medidas para valorizar os recursos.
Construir um plano de ação.

CAIXA DE PERGUNTAS

- Como passar da estratégia ao plano de ação?
- Há medidas de ação particulares na valorização dos recursos?
- Como combiná-las de maneira pertinente em um plano de ação coerente para o território e para os atores envolvidos?

PRINCÍPIO METODOLÓGICO

A reflexão estratégica permitiu selecionar recursos e definir objetivos de valorização.

Propomos aqui os parâmetros **PARA ESTABELECER UM PLANO DE AÇÃO** em dois grandes registros:

- **1 - ANCORAR OS RECURSOS NO TERRITÓRIO:**
  - 1.1- AGIR SOBRE A SUA ESPECIFICAÇÃO
  - 1.2 - DESENVOLVER OS MODOS DE VALORIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO DOS ATORES
  - 1.3 - DESENVOLVER A APROPRIAÇÃO DOS RECURSOS POR UMA MULTIPLICIDADE DE ATORES E COMUNICAR

- **2 - MANTER A QUALIDADE DOS RECURSOS E POSSIBILITAR SUA DIFUSÃO.**
  - 2.1 - Vigiar
  - 2.2 - Monitorar
  - 2.3 - Compartilhar os conhecimentos e qualificar os atores
  - 2.4 - Organizar a difusão do recurso

Cada um desses tópicos é desenvolvido nas páginas que se seguem.

CUIDADO!

A formalização das ações deve zelar pela definição compartilhada de objetivos claros e mensuráveis, com horizontes de execução específicos. Para assegurar a perenidade da evolução das ações de valorização é essencial prever um dispositivo de acompanhamento e avaliação transversal das ações durante o curso do procedimento.

EXECUÇÃO

1 - ANCORAR OS RECURSOS NO TERRITÓRIO

1.1 - AGIR SOBRE A SUA ESPECIFICAÇÃO

Os diferentes modos de especificação e as medidas de ação correspondentes são bem conhecidas para os produtos alimentícios. São aplicáveis a outros produtos (ex. a cadeia AOC madeira de Chartreuse), às combinações de produtos agrícolas e artesanais (ofertas do tipo "cesta local"), às ofertas turísticas associando produtos e serviços (cf. ferramenta grade de caracterização, aplicação no caso do turismo), etc.

Caso específico de "cestas" complexas que associam produtos e serviços de vários tipos: a especificação deve ser particularmente vigilante para aplicar o mesmo nível de exigência a todos os objetos que compõem a oferta. É igualmente necessário explicitar muito bem os critérios de elegibilidade de um produto na "cesta" coletiva.

As possíveis medidas de ação

- Implantar os referenciais sobre as qualidades intrínsecas do produto: cadernos de normas de produção, rotulagem dos modos de produção (por exemplo na agricultura: produtos frescos, da agricultura familiar, orgânico etc., ou no turismo a qualidade da recepção e dos serviços prestados, entre outros).
- Acompanhar os profissionais na aplicação de suas práticas: treinamentos, procedimentos de ação...

- Organizar os atores envolvidos na especificação do recurso, de sua produção até sua comercialização: associações de produtores, operadores de uma cadeia alimentar, prestadores de serviços turísticos...
- Caracterizar a origem das especificidades territoriais do produto (a história, o meio, a cultura, entre outras). Delimitar o perímetro pertinente correspondente.
- Implantar workshops colaborativos sobre as práticas e a elaboração de referenciais.
- Enriquecer os referenciais com qualificações práticas de produção e transformação ligadas ao território: saber-fazer específico, meio biofísico, articulações com a paisagem...
- Assegurar uma legitimidade externa (selo de qualidade ou marca territorial).

- FERRAMENTA 2 **Grade de caracterização de recursos** – etapa 3

1.2 - DESENVOLVER MODOS DE VALORIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO DOS ATORES

A apropriação do recurso por outros atores que desenvolvem novos campos de valorização é uma medida essencial para ancorar o recurso ao território e enriquecer **SUA ESPECIFICIDADE** (cf. o caso das Castanhadas dos Montes de Ardèche). Nesse caso, cada novo campo de valorização deve ser objeto de um trabalho particular de especificação:

No exemplo dos Montes de Ardèche, os cardápios dos restaurantes, assim como os festivais das Castanhadas, têm um conteúdo definido associado a um caderno de normas.

A eficácia da especificação dos recursos depende da consistência e das sinergias entre todos os produtos e componentes valorizados.

As possíveis medidas de ação:

- Definir um território de referência e selecionar o(s) recurso(s) a ele relacionado(s): produtos “embaixadores” da “imagem do lugar”.
- Implantar circuitos curtos de comercialização ou localizados para produtos e serviços agrícolas e artesanais: pontos de venda, unidades de processamento, visitas a locais de produção...
- Organizar os produtores para a comercialização.
- Assegurar as funções de difusão por parte de outros atores locais (por exemplo, Departamentos de Turismo, hospedagem local nos pacotes turísticos, entre outros).
- Diversificar os campos de valorização com outros usuários do recurso:
  - Cultural: organização de festas, valorização de elementos “marcadores”, como uma raça local, um traço arquitetônico, entre outros.
  - Gastronômico para os recursos alimentícios: receitas nos restaurantes...
  - Marketing turístico do recurso e seus componentes: circuitos de interpretação, produtos de descoberta.
- Impulsionar e facilitar ações colaborativas de múltiplos atores (por exemplo, proprietários de restaurantes, atores culturais, artesãos, prestadores de serviços turísticos, entre outros).

- FERRAMENTA 2 **Gráfico** – etapa 4
- FERRAMENTA 3 **Grade de caracterização de recursos** – etapa 3

1.3 - DESENVOLVER A APROPRIAÇÃO DOS RECURSOS POR UMA MULTIPLICIDADE DE ATORES E COMUNICAR SOBRE OS RECURSOS VALORIZADOS

Essa abordagem pode ser feita principalmente buscando:

Construir um discurso

- Capitalizar aos poucos como o conhecimento é formulado e divulgar para todos os atores envolvidos.
- ”Narrar” o território através dos seus recursos a fim de apresentar sua coerência e permitir aos atores envolvidos apropriarem-se dele em todas as suas dimensões.
- Implementar ferramentas e um plano de comunicação permitindo se apropriar das diferentes facetas do(s) recurso(s): website, filmes, reportagens, entre outros, que acompanhem o projeto e permitam “revelar” as dimensões (históricas, sociais, econômicas, culturais) dos recursos e sua coerência territorial. Um evento estruturante (como um festival) é um trunfo determinante: é uma oportunidade de reunir todos os atores em torno de um mesmo evento, concebido para “revelar” ao visitante/cliente a riqueza e a especificidade do território. A contribuição singular de cada ator para o projeto coletivo é dessa forma valorizada. O evento torna-se um tempo de apropriação, de consolidação de redes, de “revelação” do recurso e seu reconhecimento pelo mundo exterior.

Desenvolver a participação da população para a valorização, conservação e difusão dos recursos

Essa participação pode ser desenvolvida principalmente ao se associar a população com a construção do discurso e sua difusão.

Ilustrações: Festival itinerante do *Bleu* nos municípios do Parque de Vercors, organização de jornadas cívicas de manutenção do espaço, plantação de variedades antigas de macieiras em residências particulares (Bauges), iniciação de estudantes nas práticas do saber-fazer tradicional, recuperação de receitas antigas dos habitantes para valorizar o patrimônio culinário, etc.

1.4 - ALGUNS EXEMPLOS DE AÇÕES LOCAIS

Produção e partilha de conhecimentos

- O Polo de Excelência Rural do *Pays* de Thônes trabalha pela valorização dos queijos dos produtores locais e colocou, à disposição de todos os atores, um fichário que reúne os conhecimentos sobre os produtos e o território de forma a permitir que todos partilhem o mesmo nível de conhecimento.
- O *Pays* de Maurienne realizou um estudo etnológico sobre o seu patrimônio culinário.

Narrar o território através de seus recursos

- Extraído do website das Castanhadas de Outono dos Montes de Ardèche.

  "É agora uma tradição firmemente enraizada, de meados de outubro a meados de novembro, todos os anos o Parque dos Montes de Ardèche vive ao ritmo dos festivais da castanha, as Castanhadas. *É ali que bate o coração do território, no encontro entre os castanheiros, os artesãos, artistas, habitantes e visitantes. Na curva de uma trilha de caminhada dentro de um castanhal, à mesa de um restaurante, na praça do município onde se está grelhando castanhas, você será calorosamente recebido".*

  http://www.castagnades.fr

Observação: Cada componente enriquece a especificação do recurso e sua ancoragem no território. É importante assegurar a coerência global e evitar o risco de confusão da imagem do recurso através de valorizações desiguais nas suas relações com o território (por exemplo, um festival tradicional com a imagem folclórica do *terroir* pode ter um impacto na imagem do recurso em seu conjunto).

2 - MANTER A QUALIDADE DOS RECURSOS E POSSIBILITAR SUA DIFUSÃO

O recurso é um constructo coletivo frágil

Frutos do processo de **co-construção** pelos atores do território, os recursos territoriais são perenes ou renováveis graças à dinâmica desses processos, mas também encontram aí sua vulnerabilidade. De certa forma, os recursos territoriais são esgotáveis: pelo esgotamento das redes de atores, ou pelo enfraquecimento da "qualidade" construída coletivamente, o que pode levar à sua banalização. Trata-se assim de implantar as condições de perenização e de renovação dos recursos ativados.

Vários aspectos chave devem ser considerados:

2.1 - VIGILÂNCIA

Quanto a:

- As **QUALIDADES DO RECURSO**. Dispositivos de **AVALIAÇÃO REGULAR** das medidas de ativação podem ser previstos. Por exemplo:
  - A avaliação da coerência entre especificações e modos de produção e comercialização;
  - A avaliação também pode centrar-se nas valorizações não mercantis (por exemplo, uma consultoria externa dos festivais Castanhadas de Ardèche reposicionou o seu conteúdo em relação aos valores coletivos do recurso).
- **A VITALIDADE DOS PROCESSOS DE ATIVAÇÃO**, por exemplo, através da avaliação da diversidade dos atores envolvidos ou da diversidade dos componentes ativados.
- **O RENOME DO RECURSO**, através da avaliação da permanência do reconhecimento externo das suas especificidades, que são a base da sua atratividade.

Finalmente, é útil avaliar periodicamente a dinâmica geral do projeto para garantir que ele evolua na direção desejada coletivamente.

2.2 - MONITORAR

Um trabalho de monitoramento deve ser engajado sobre os pontos fracos que podem revelar componentes menores ou ausentes, mas que poderiam vir a reforçar a especificidade do recurso ou a sua renovação. O monitoramento pode assim abrir para uma reflexão prospectiva.

2.3 - COMPARTILHAR OS CONHECIMENTOS E QUALIFICAR OS ATORES

A manutenção das dinâmicas coletivas passa por:

- A criação e a animação de um lugar de compartilhamento dos conhecimentos entre as categorias de atores envolvidos (por exemplo, em Maurienne, a criação da associação “A Maurienne no prato” entre restaurantes e produtores permite reuniões regulares dos profissionais, a realização de ”*eductours*” (roteiros educacionais), entre outros.
- A implantação de procedimentos de acompanhamento dos avanços, a formação dos profissionais envolvidos.

2.4 - ORGANIZAÇÃO DA DIFUSÃO DO RECURSO

Trata-se aqui de se projetar no médio prazo, antecipando as condições de perenização/difusão do recurso. Por exemplo:

- A manutenção dos potenciais de produção, quem sabe por meio de novas instalações agrícolas, etc.
- A conservação de um patrimônio genético (ex. pomares de conservação genética, entre outros).
- A difusão de um saber-fazer: apreender os “costumes” tradicionais antes que desapareçam. Por exemplo, o *Bleu* de Vercors quase desapareceu e foi objeto de um grande trabalho para ajustar o processo de sua fabricação. Isso pode ser feito também em direção do público jovem escolar.

Essas etapas podem ser conduzidas ou mantidas por um **COMITÊ DE COORDENAÇÃO E/OU DE GESTÃO TERRITORIAL REALIZADA PELOS ATORES.**

SÍNTESE, FORMALIZAÇÃO DENTRO DE UM PLANO DE AÇÃO

Trata-se de formalizar os diferentes eixos de ação dentro de um **PLANO DE ATIVAÇÃO DOS RECURSOS.** Não desenvolveremos aqui toda uma abordagem para a construção de planos de ação: nos ateremos às referências do projeto e aos suportes metodológicos existentes na literatura.

Insistiremos nos **PONTOS PARTICULARES DE VIGILÂNCIA** na valorização territorial dos recursos:

- Essa se inscreve numa temporalidade longa, plurianual. Um projeto territorial deve portanto ser concebido segundo a lógica do desenvolvimento plurianual, ao definir precisamente com os atores implica dos as etapas e os objetivos de realização.
- Isso está baseado em dinâmicas de atores e construções coletivas: deve ser pensado como um processo de aprendizagem coletivo no tempo, quer se trate de facilitar, de coordenar, de formalizar com os meios definidos.

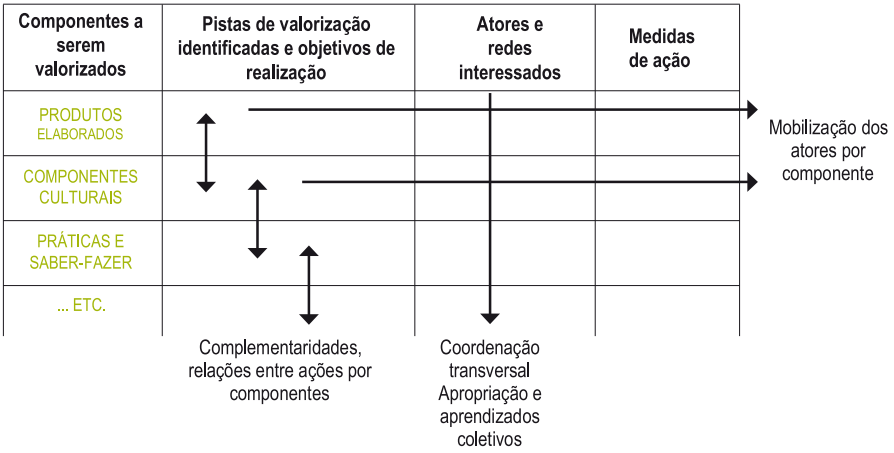
O desafio particular de um procedimento de valorização dos recursos é o de **FORMALIZAR E ORGANIZAR A COERÊNCIA TRANSVERSAL** entre ações de valorização e de antecipar e preparar a coordenação dos atores a serem envolvidos. Trata-se em particular de monitorar as complementaridades e a sinergias que se quer garantir:

- Entre os componentes de um mesmo recurso: cada componente ativável remete a atores e redes organizadas em maior ou menor grau;
- Entre vários recursos que se quer reunir.

Os **QUADROS ABAIXO** propõem sugestões que permitem formalizar os meios a implantar para garantir:

- **A MOBILIZAÇÃO DURÁVEL DE ATORES E REDES** relacionados a cada componente valorizado: definição de objetivos compartilhados, produção de conhecimentos (diagnóstico), construção de referenciais coletivos, constituição de grupos de trabalho e de aprendizados coletivos, etc.
- **A COORDENAÇÃO TRANSVERSAL** que deve “dar sentido” ao conjunto, torná-lo apropriado para o conjunto de atores participantes e comunicável ao exterior para a população e os clientes (locais e externos).

QUADRO A: PRINCÍPIO DE UM PLANO DE ATIVAÇÃO DOS COMPONENTES DE UM RECURSO



QUADRO B: ORGANIZAÇÃO DAS AÇÕES TRANSVERSAIS ENTRE VÁRIOS RECURSOS

Articulações a se estabelecer entre recursos	Pistas de valorização identificadas e objetivos de realização	Atores e redes implicados	Medidas de ação
RECURSO A e RECURSO B			
RECURSO B e RECURSO C			
... ETC.			

Uso dos quadros

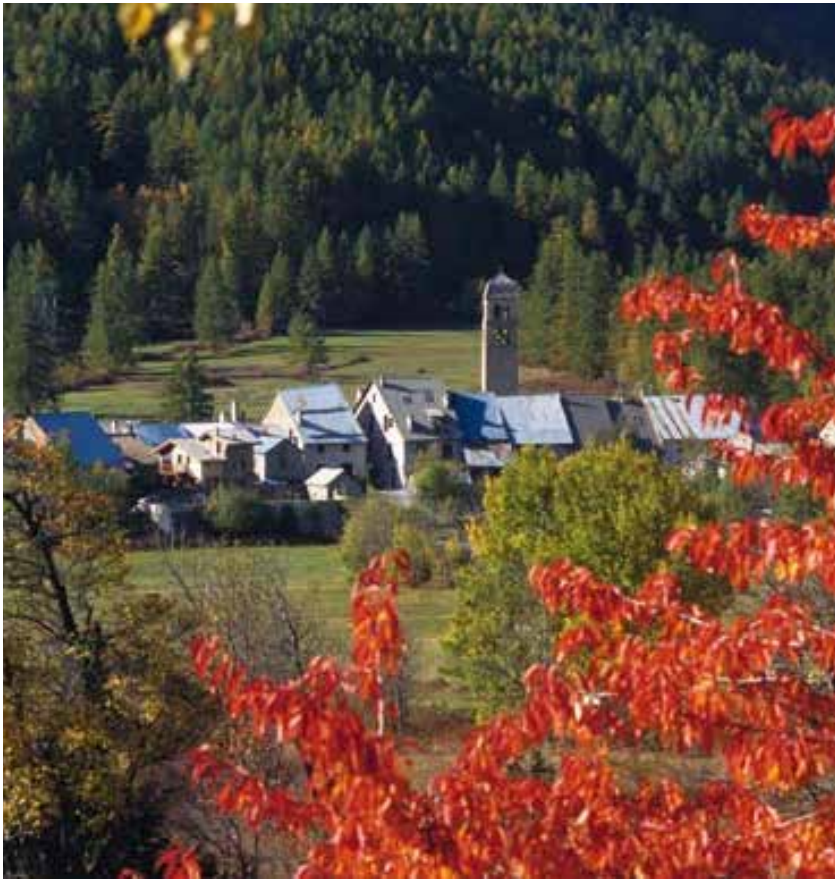
1 - Relatar na tabela o resultado das etapas anteriores para cada componente/recurso: pistas de valorização, atores envolvidos, medidas de ação.

2 - Identificar as relações e as complementaridades a serem implementadas entre as ações por componentes.

3 - Definir as ações de coordenação transversal à implantar para permitir a aproximação e a ação entre redes. Em particular:

- facilitação de grupos profissionais e/ou interatividades;
- organização de lugares e tempos para a aprendizagem coletiva e a capitalização;
- organização da governança do projeto: órgão de decisão (conselho gestor), grupos de trabalho (transversais e/ou por ação), distribuição de papéis entre categorias de atores.

A ficha 5 desenvolverá esses aspectos relativos à organização dos atores e das competências.



Ficha 5

ORGANIZAR E DESENVOLVER AS COMPETÊNCIAS TERRITORIAIS

✶

- organização dos atores
- competências de engenharia

OBJETIVOS GERAIS

☞ Esta seção fornece algumas diretrizes para a criação de uma organização eficaz para um projeto de valorização de recursos territoriais. Primeiro são discutidos os modos organizacionais dos atores que parecem relevantes para uma abordagem de valorização de recursos; segundo, os modos e tipos de engenharia a serem mobilizados para apoiar os atores.

1 - ORGANIZAÇÃO DOS ATORES

CAIXA DE PERGUNTAS

- Quais atores estão envolvidos nos processos de valorização de recursos?
- Quais deles mobilizar para melhor valorizá-los?
- Qual modo de governança adotar?
- Como coordenar as medidas de valorização?

PRINCÍPIO METODOLÓGICO

A ORGANIZAÇÃO DOS ATORES DEVE SER COERENTE COM AS MEDIDAS DE VALORIZAÇÃO DE RECURSOS EVOCADAS NAS FICHAS ANTERIORES.

Os atores têm papéis diferentes de acordo com sua postura, seu modo de organização. Assim trata-se de distinguir:

- **ATORES INDIVIDUAIS**, que intervêm pela sua "expertise de uso" e pela execução de suas práticas (ex.: agricultores, proprietários de restaurantes, comerciantes, artesãos, empresas);
- Os **ATORES ORGANIZADOS**, tais como associações de produtores, associações culturais, entre outras, que intervêm pela competência de seus membros, mas também pela capacidade de realizar reflexões ou ações coletivas;

- Os **ATORES INSTITUCIONAIS SETORIAIS**, como as Câmaras Interprofissionais, portadoras de competências e de capacidades para ações coletivas, e que também têm uma legitimidade legal de representação de seus membros;
- Os **ATORES INSTITUCIONAIS TRANSVERSAIS**, como as "Coletividades Locais"[7], que, além das capacidades de organização e de ação coletiva, têm a legitimidade de coordenar recursos e atores de várias naturezas na escala do território inteiro.

A ORGANIZAÇÃO DOS ATORES DEVE PORTANTO SE APOIAR EM:

- A diversidade de atores envolvidos na abordagem e implicados no processo de valorização de recursos, tanto em termos de oferta quanto de demanda;
- A implantação de oficinas colaborativas entre atores para compartilhar suas competências e habilidades de ação;
- A coordenação da valorização dos recursos de naturezas diferentes;
- Uma governança, coordenada por um ou vários atores públicos transversais, que favoreça os procedimentos colaborativos para a co-construção dos recursos, bem como a mobilização e a coordenação da diversidade dos atores.

O quadro a seguir propõe uma síntese dos **POSSÍVEIS PAPÉIS DOS DIFERENTES ATORES NA ORGANIZAÇÃO E EXECUÇÃO DO PROJETO.**

7 Equivalem às associações de municípios e consórcios intermunicipais (NRT).

	Atores individuais	Atores organizados	Atores institucionais setoriais	Atores institucionais transversais
EXECUÇÃO DAS PRÁTICAS E DAS AÇÕES				
ORGANIZAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS DOS ATORES E DEMAIS ENVOLVIDOS				
CAPACIDADE E LEGITIMIDADE DE COORDENAÇÃO, CONDUÇÃO DO PROJETO E DE PROPOSIÇÃO DE PROJETO				

2 - COMPETÊNCIAS DE ENGENHARIA

CAIXA DE PERGUNTAS

- Quais são as competências necessárias para a especificação dos recursos?
- Quais já existem?
- Quais mobilizar?
- Como organizá-las?
- Quem deve conduzi-las?

PRINCÍPIO METODOLÓGICO

AS COMPETÊNCIAS DE ENGENHARIA NECESSÁRIAS SÃO DE VÁRIAS ORDENS:

- **TÉCNICA:** órgãos técnicos e econômicos podendo alimentar com conhecimentos técnicos os atores engajados na especificação de seus produtos e bens materiais ou imateriais. Eles intervêm nos processos cognitivos de mobilização e evolução do conhecimento.
- **FACILITADORA** (órgãos profissionais ou públicos): para garantir e acompanhar os procedimentos colaborativos dos atores, quer se trate de aprendizagem para especificar produtos e modos de valorização, quer de procedimentos de apropriação. Ela intervém nos processos relacionais dos atores e do trabalhar em redes.
- **ORGANIZACIONAL:** transversal, capaz de coordenar os diversos atores e garantir a condução do projeto. É lógico que essa competência seja conduzida pelo ator público. Ela intervém no processo de coordenação dos atores.

Trata-se, conforme os recursos disponíveis e os tipos de medidas de valorização identificadas, de fazer o levantamento das habilidades necessárias, dos locais onde elas podem ser mobilizadas e a maneira de organizá-las.

FERRAMENTA 5 **ORGANIZAÇÃO DOS MEIOS DE ENGENHARIA**

A tabela a seguir faz o elo entre os tipos de engenharia que podem ser mobilizados e os atores capazes de mobilizá-los ou que já atuam com esse propósito. São por exemplo consórcios intermunicipais, parques...

Ou seja, os atores institucionais transversais são os que mais bem executam a engenharia organizacional e de coordenação porque têm legitimidade para fazê-lo (cf. quadro anterior), e sua estrutura tem a engenharia e as competências para tanto. Outro exemplo: os atores individuais ou profissionais organizados estarão em melhor posição para garantir a engenharia técnica ou facilitar as ações.

O quadro a seguir propõe uma síntese das c**ompetências a mobilizar pelos atores engajados.**

	Atores individuais	Atores organizados	Atores institucionais setoriais	Atores institucionais transversais
EXPERTISE TÉCNICA E DE USO/ EXECUÇÃO DE AÇÕES PRÁTICAS				
EXPERTISE TÉCNICA				
COMPETÊNCIAS DE FACILITAÇÃO				
CAPACIDADE E LEGITIMIDADE DE COORDENAÇÃO				

CAIXA DE FERRAMENTAS

~~~

Instrumentos de diagnóstico
e facilitação que podem apoiar
e servir no processo
~~~

FERRAMENTA 1

FOTOLINGUAGEM

A FOTOLINGUAGEM

Ela se desenrola em vários tempos.

1 • PREPARAR

- **REUNIR** um número suficientemente grande de objetos e suas imagens que possam ter importância para os atores ou servir de inspiração (cartões postais, matérias de jornais, web...). A proposta é selecionar umas cinquenta imagens, geralmente fotos, que possam representar esses objetos. Essa lista pode ser completada pelas propostas de pessoas recursos (atores locais), pelas visitas de campo e pela bibliografia sobre o território (história, projetos precedentes, entre outros).
- **CONSTITUIÇÃO DE UM COLETIVO DE ATORES** representativo da diversidade das categorias de atores envolvidos pelo campo de ação visado e suscetíveis de participar de seu desenvolvimento. Pode ser útil complementá-lo com atores de fora do território.

2 • FACILITAR

- **ESCOLHA DE OBJETOS DE VALOR.** A escolha é feita entre as imagens propostas. Os participantes devem selecionar um máximo de quinze por grupo de cinco ou seis pessoas e explicar claramente as razões de sua escolha. As fotografias são expostas simultaneamente e devem ser objeto de discussão (acordo, complemento, controvérsias). A ideia é destacar o que, aos olhos dos participantes, é de valor no território.

  No final da etapa de seleção, duas questões complementares podem ser colocadas:

  - As razões por que certas imagens não foram selecionadas por nenhum grupo;
  - A possibilidade de incluir imagens que os atores teriam desejado, mas que não foram propostas na coleção de cerca de cinquenta fotos.

- **SELEÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DE RECURSOS ESPECÍFICOS:** a partir do inventário estabelecido anteriormente, trata-se de aprofundar coletivamente o questionamento da especificidade dos recursos, em particular através de questões do tipo:

  "O que nos distingue?"
  (= o que é específico, nos distingue do exterior)

  "O que nos aproxima?"
  (= o que gera uma "cultura local" compartilhada)

A ilustração na página seguinte oferece algumas perguntas detalhadas para compartilhar as **REPRESENTAÇÕES DOS ATORES** sobre os recursos específicos do território. O interesse aqui é o compartilhamento de representações, não tem valor de diagnóstico técnico: uma análise direcionada pode aprofundar esses primeiros elementos em um segundo momento.

COMPARTILHAR AS REPRESENTAÇÕES DOS ATORES SOBRE OS RECURSOS ESPECÍFICOS DO TERRITÓRIO

Suporte para questionamento coletivo
que pode ser usado após fotolinguagem.

✶

Questões sobre um dado recurso:

1 Qual é o seu perímetro? (“a pegada espacial”)

- É localizado ou abrange o conjunto do território?
- É endógeno, específico do território, ou diz respeito a um perímetro mais amplo?

2 Qual é a sua história? (“a pegada temporal” da construção do recurso e de suas qualidades)

- Há quanto tempo temos conhecimento de sua presença no território?
- Quais valores lhe são atribuídos: - / + / ++, natureza (econômico, cultural,...)
  - Ele sempre teve esse valor?
  - Se não, quando, onde e para quem mudou?
  - Hoje ele é compartilhado?

3 Ele é dotado atualmente de uma “qualidade territorial”:

- Reconhecida pelos seus produtores e pelos outros atores?
- Significativa para o território e a priori não existente em outro lugar?

ESTES TIPOS DE PERGUNTAS TAMBÉM PERMITEM QUE OS PARTICIPANTES SE APROPRIEM PROGRESSIVAMENTE DA RELEVÂNCIA DE “QUESTIONAR” SOBRE OS RECURSOS E SEUS POTENCIAIS DE VALORIZAÇÃO.

3 • ILUSTRAÇÃO: QUAIS RECURSOS ESPECÍFICOS PARA UM POSICIONAMENTO TURÍSTICO DE VERCORS?

PAISAGENS DE TÍPICAS	• verticalidade • geologia • sensacionais • extraordinárias • relevo	• Mont Aiguille • "Grands Goulets" • Grottes Choranche • Gorges de la Bourne • Gorges d'Omblèze • Gorges du Nan • Combe laval • Bournillon • Archiane	• cavernas	"De tirar o fôlego" "Viver uma experiência"
GRANDES ESPAÇOS NATURAIS	• vastas extensões • platôs • acessibilidade • riqueza biológica	• Reserva natural dos altos platôs de Vercors • Combeau • Ambel • Font d'Urle • Ecouges • Molière • Balcons Est	• espécies da fauna e flora • ar puro	"Uma biodiversidade única"
TERROIR DE DIVERSIDADE	• variedade de produtos do *terroir* • comer bem • agricultura viva • cadeia curta • saber-fazer	• Bleu de Vercors Sassenage (importante ter um queijo) • Ravioli • Clairette de Die • Nozes • Produtos à base de plantas	• animais: vacas • meio ambiente adaptado à produção de qualidade (pradarias) • Festival do *Bleu* • Festival da Transumância • Festa de l'Alpage	"Adote-o!"

↑ *Fonte: PNR de Vercors, resultado de uma sessão de mediação sobre os identificadores de Vercors (excerto).*

FERRAMENTA 2

GRÁFICO DE RADAR

GRÁFICO DE RADAR DOS COMPONENTES DE UM RECURSO

Para facilitar essa exploração dos “componentes” associados a um recurso, propomos uma ferramenta do “gráfico de radar”. Esse instrumento permite vários registros mais frequentemente encontrados em nossos estudos de caso (veja a figura na próxima página). É claro que esses componentes não são exaustivos e podem ser adaptados ao recurso em questão (eles foram projetados principalmente a partir de recursos agrícolas, mas podem ser usados para outras categorias de recursos).

A ferramenta é utilizável em trabalhos de grupo, segundo 4 etapas de questionamento:

- **ETAPA 1:** Tempestade de ideias sobre componentes e definição do gráfico
- **ETAPA 2:** Descrição das valorizações atuais de cada componente do recurso
- **ETAPA 3:** Reflexão estratégica
- **ETAPA 4:** Fase de criatividade sobre os potenciais de valorização
  - **4A:** Exploração dos potenciais de valorização combinados entre componentes
  - **4B:** Exploração dos potenciais de valorização combinados entre 2 recursos

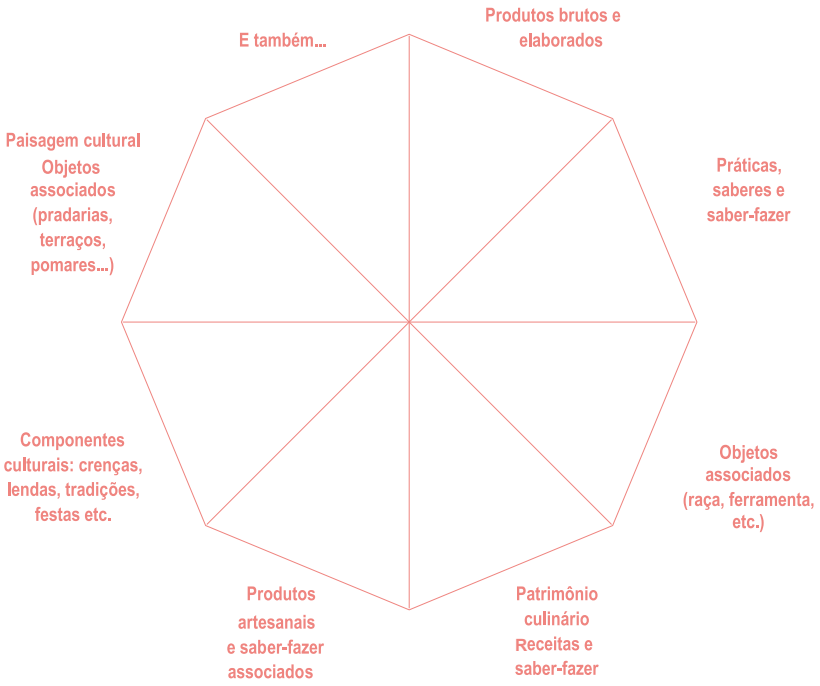
ETAPA 1: TEMPESTADE DE IDEIAS SOBRE COMPONENTES E DEFINIÇÃO DO GRÁFICO

PRECISÕES SOBRE A NOÇÃO DE "COMPONENTES DOS RECURSOS": Um componente sempre se refere a um objeto material ou imaterial que pode ser avaliado conforme modos diferenciados. Assim, a "*venda em circuito curto*" é um **MODO DE VALORIZAÇÃO** particular dos produtos agrícolas. Do mesmo modo, o **TURISMO** constitui uma forma particular de valorizar os recursos: o turismo pode promover produtos e saber-fazer (uma visita à unidade agrícola, por exemplo), um patrimônio cultural (um ecomuseu, um festival tradicional, visitar um sítio, entre outros), ou um patrimônio natural (um selo tipo Geopark, por exemplo).

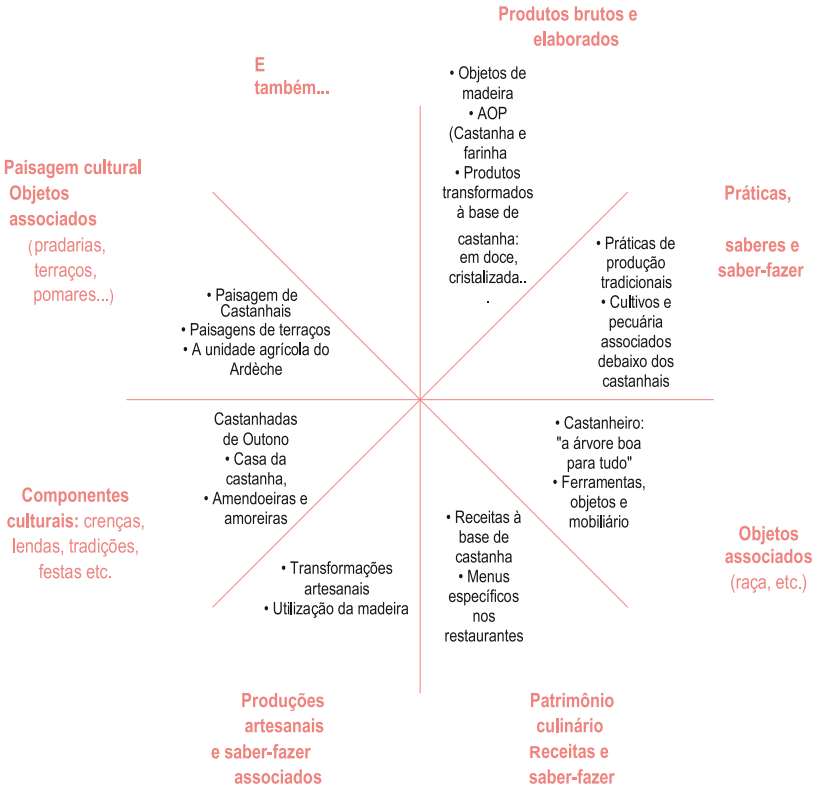
Introduzir o questionamento coletivo através de uma pergunta do tipo:
"O que relacionamos com este recurso? O que é que para nós tem valor e está associado a ele?"

As respostas são organizadas em componentes temáticos, a fim de estabelecer o gráfico específico para o recurso em questão. O gráfico "tipo" proposto pode servir como referência para o mediador, ou ser imediatamente submetido ao grupo para ser informado e expandido se necessário. **Os componentes apresentados referem-se a campos a serem esclarecidos e, se necessário, serão reformulados pelos atores de acordo com o contexto do território. Essa lista não está fechada: pode ser completada conforme as necessidades.**
Também apreciaremos qualitativamente a "pegada" de cada componente no território: é visível em todo o perímetro ou, pelo contrário, localizada?

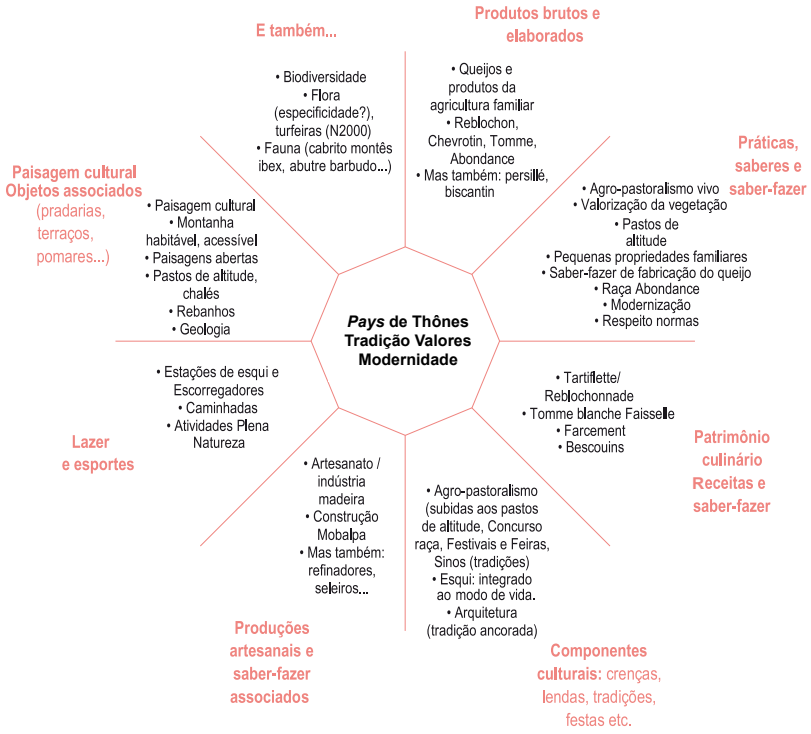
1 • O QUE RELACIONAMOS COM ESTE RECURSO? O QUE PARA NÓS TEM VALOR E ESTÁ ASSOCIADO A ELE?



2 • ILUSTRAÇÃO 1: O CASO DA VALORIZAÇÃO DA **CASTANHA** NOS **MONTES DE ARDÈCHE**



3 • ILUSTRAÇÃO 2: RESULTADO DE UMA SESSÃO DE TIPO META-PLAN COM UM **GRUPO DE ATORES** DO ***PAYS* DE THÔNES** (CONTEXTO: POLO DE EXCELÊNCIA RURAL)



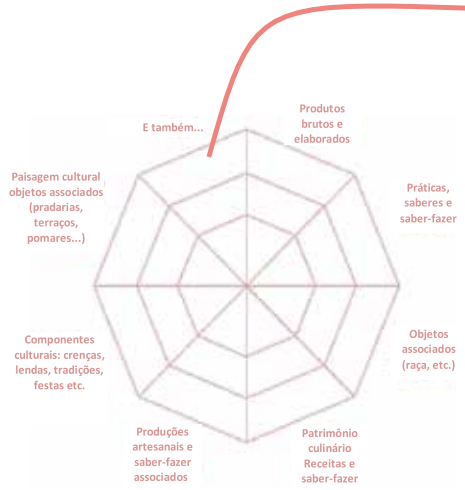
ETAPA 2: **DESCRIÇÃO DAS VALORIZAÇÕES ATUAIS DE CADA COMPONENTE DO RECURSO**

Trata-se de descrever, para cada componente do recurso:

- O(s) modo(s) de valorização que atualmente é (são) utilizado(s);
- O grau de ativação de cada componente estimado qualitativamente com a ajuda do quadro abaixo (nota de 1 a 3);
- Atores e redes interessados;
- Existência de uma demanda de valorização por certos atores.

Propomos abaixo um quadro de questionamento para cada componente, que será o tema de uma ficha descritiva sintética.
Neste estágio, atenção especial será dada à I**DENTIFICAÇÃO DOS ATORES, SEU GRAU DE ORGANIZAÇÃO (INDIVIDUAL, EM REDES, ORGANIZAÇÕES...) E SEUS RELACIONAMENTOS.**

1 • QUAIS COMPONENTES NÓS VALORIZAMOS HOJE? POR QUAIS ATORES / REDES?
EXISTEM DEMANDAS DE VALORIZAÇÃO SOBRE COMPONENTES AINDA NÃO VALORIZADOS?



Diagnóstico por componente:

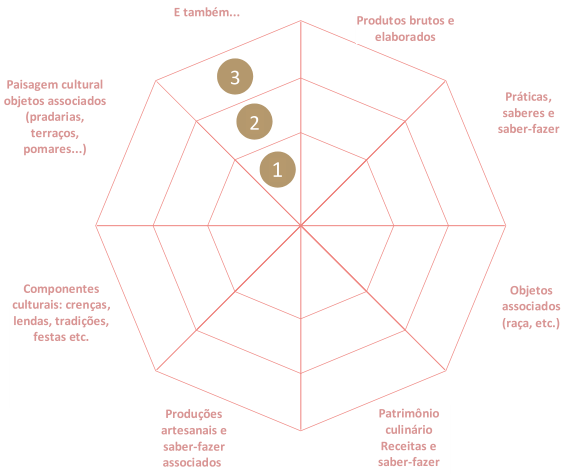
- Seu valor é reconhecido? Por quais atores?
- Já há uma valorização na atualidade? Sob qual forma, por quais atores/redes?
- Se não, há uma demanda de valorização relativa a esse componente? Por quem?
- Existem valorizações possíveis associadas a outros recursos? (referir-se à grade de caracterização)

2 • ESTIMATIVA DO GRAU DE ATIVAÇÃO DE CADA COMPONENTE DO RECURSO

Usaremos a tabela abaixo para definir qualitativamente o grau de ativação de cada componente.

Trata-se de uma questão de relatar o grau de ativação determinado no setor correspondente do gráfico. Isso completa progressivamente a "imagem" da ativação atual do recurso.

Etapa de ativação do recurso ou do componente	Caracterização da etapa de ativação
1 REVELAÇÃO / EMERGÊNCIA	• Recurso potencial (jazida), valor pouco ou não reconhecido • Valorização nula ou pontual • Interesse manifestado por alguns atores • Não há redes constituídas em torno do recurso
2 AMPLIAÇÃO & LEGITIMAÇÃO	• Valor reconhecido localmente • Uma ou mais redes valorizem um ou mais componentes do recurso • Implantação de organizações (profissionais, associativas...) • Partilha e produção de conhecimentos • Referenciais coletivos de produção / valorização (tipo carta, caderno de encargos) inexistentes ou a ser consolidados
3 DESENVOLVIMENTO	• Recurso reconhecido pelo exterior • Várias categorias de atores valorizam o recurso. Impactos à escala do território, impactos econômicos significativos à escala dos produtos • Ferramentas e organização de regulação coletiva do recurso



ETAPA 3: **REFLEXÃO ESTRATÉGICA SUPORTE DE QUESTIONAMENTO ESTRATÉGICO COM O AUXÍLIO DO GRÁFICO**

- Para quais componentes foi identificado um potencial de valorização?
- É preciso trabalhar mais particularmente sobre as dimensões culturais, econômicas, etc.?
- É preciso trabalhar os componentes já ativados ou ativar outros?
- Quais atores, quais redes estão envolvidas? Estão organizados?
- Eles já estão prontos ou interessados por essa valorização? É possível partilhar com eles a intenção de passar “da ideia ao projeto”?
- Certos componentes são frágeis/vulneráveis (risco de banalização, ou de desaparecimento do componente? É um problema para a imagem do recurso? Caso afirmativo, como responder a isso?
- O recurso está estabilizado/legitimado pelos atores institucionais e/ou públicos? Ele se inscreve no âmbito dos projetos, das políticas públicas territoriais?
- Existe um ator que coordena os atores relacionados ao recurso e quem regula o recurso?
- Quais espaços/modos de decisão?
  - Qual o lugar, o papel de outros atores do território (outros atores econômicos, população, comunidades ...)?
  - Na escala do território ou em escala ampliada?

SELEÇÃO DE COMPONENTES PRIORITÁRIOS E MEDIDAS DE AÇÃO POR COMPONENTE

ETAPA 4: **FASE DE CRIATIVIDADE SOBRE OS POTENCIAIS DE VALORIZAÇÃO**

• Etapa 4a: Explorar os potenciais de valorização combinados entre componentes

É uma questão de estar interessado no **DESENVOLVIMENTO DO RECURSO**, pela exploração das possíveis combinações de valorizações entre componentes de um recurso.

Em consonância com o espírito deste guia, propomos aqui um simples suporte destinado a ampliar o olhar sobre as potencialidades e favorecer a criatividade, pela exploração sistemática das combinações entre os componentes: uma tabulação cruzada dos componentes de um recurso, chamado **DESENVOLVEDOR DE RECURSOS**.

Seu uso consiste em:

- colocar os componentes do recurso oriundos do gráfico em linha e coluna;
- descrever nos campos as valorizações existentes identificadas na etapa 1;
- se questionar sobre os campos vazios: **"E SE... EU ASSOCIASSE ESSE OU AQUELE COMPONENTE, QUAL VALORIZAÇÃO EU PODERIA IMAGINAR? COM QUAIS ATORES?"**

Essa exploração pode ser feita sob a forma de jogo para favorecer a criatividade (cf. inserção próxima página).

• Etapa 4b: Explorar os potenciais de valorização combinados entre dois recursos

A **GRADE DE CARCTERIZAÇÃO** dos recursos (etapa anterior) permitiu fazer emergir as proximidades entre vários recursos, levantar questões sobre as oportunidades de complementaridades a serem valorizadas. Trata-se aqui de explorar os potenciais, com o auxílio da mesma ferramenta **"DESENVOLVEDOR DE RECURSOS"**, usada desta vez de modo cruzado entre dois recursos cujos componentes

serão descritos respectivamente, um numa linha e outro numa coluna. Então, nos questionaremos quanto aos potenciais de valorização combinados entre componentes desses recursos.

“E SE... EU ASSOCIASSE ESSE OU AQUELE COMPONENTE, QUAL VALORIZAÇÃO EU PODERIA IMAGINAR?”

DICA PARA UTILIZAÇÃO DO GRÁFICO: “O BARALHO DOS COMPONENTES”

Preparar 2 a 3 “baralhos dos componentes” de seu território.

✶

- Os participantes jogam em dupla.

- Pôr as cartas dentro de um chapéu, cada dupla tira um lote de duas cartas, e imagina uma ou duas valorizações possíveis, que ela relata numa cartolina de ideias.

- No verso da cartolina a dupla fornece precisões:
  - essa valorização já existe no território e através de quem;
  - essa valorização está no estado de ideia ou de projeto e através de quem;
  - se não, a quem ela poderia interessar?

- Se houver participantes suficientes, as duplas trocam suas cartas e completam as primeiras ideias surgidas.

- Participantes de fora do território também jogam, propondo ideias desenvolvidas em outros territórios que serão classificadas em uma cor diferente (benchmark).

- As ideias são descritas na tabela cruzada.

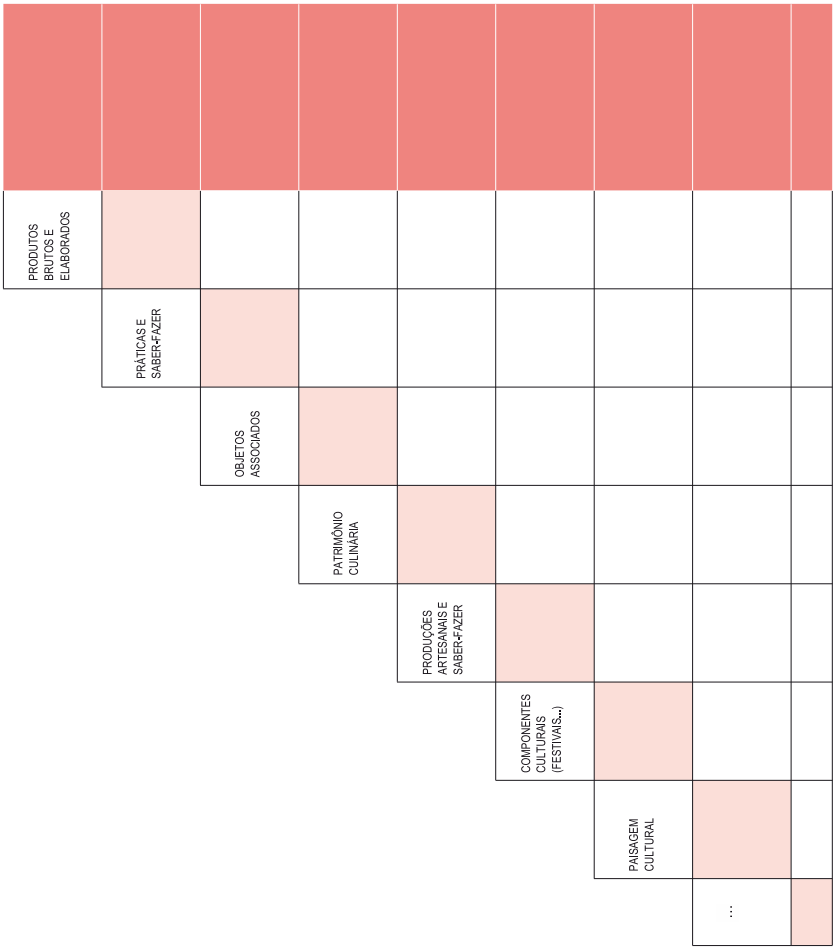
É ENTÃO REALIZADA UMA DISCUSSÃO PARA REFINAR OS POTENCIAIS DE VALORIZAÇÃO QUE MERECEM SER MAIS APROFUNDADOS

O Desenvolvedor dos recursos

EXPLORAR OS POTENCIAIS DE VALORIZAÇÃO COMBINADOS ENTRE COMPONENTES DE UM, OU DE DOIS RECURSOS

1 • Descrever as valorizações combinadas existentes

2 • Explorar os potenciais: “E SE... eu associasse esse ou aquele componente, qual valorização eu poderia imaginar? Com quais atores?”



Exemplo

	Produtos brutos e elaborados	Práticas e saber- fazer	Objetos associados (raça, biodiversi-dade vegetal...)	Patrimônio Culinária	Produções artesanais e saber-fazer	Componentes culturais (festivais...)	Paisagem cultural	...
produtos brutos e elaborados	Circuitos curtos, mercados locais, etc.	Visite a adega de queijos ou vinhos, demonstração de fabricação		Gastronomia de *terroir* entre produtores e donos de restaurantes	Rota do saber-fazer entre produtores e artesãos	Mercado das castanhas	Caminhadas com degustação de produtos	
	práticas, e saber-fazer	Ecomuseu	Concurso de raça, operação pradarias floridas, etc.					
		Objetos Associados	Conservação varietal					
			Patrimônio Culinária	Inventário, criação de receitas específicas		Menus *terroir* durante um festival		
				Produções artesanais e SF				
					Componentes culturais (festivais...)	Castanhadas de Ardèche		
						PAISAGEM CULTURAL	Visita do castanhal	
							...	

FERRAMENTA 3

GRADE DE CARACTERIZAÇÃO DE RECURSOS

GRADE DE CARACTERIZAÇÃO DOS RECURSOS

OBJETIVO

Caracterizar o atual método de valorização de produtos/recursos inventariados no território.

PRINCÍPIO

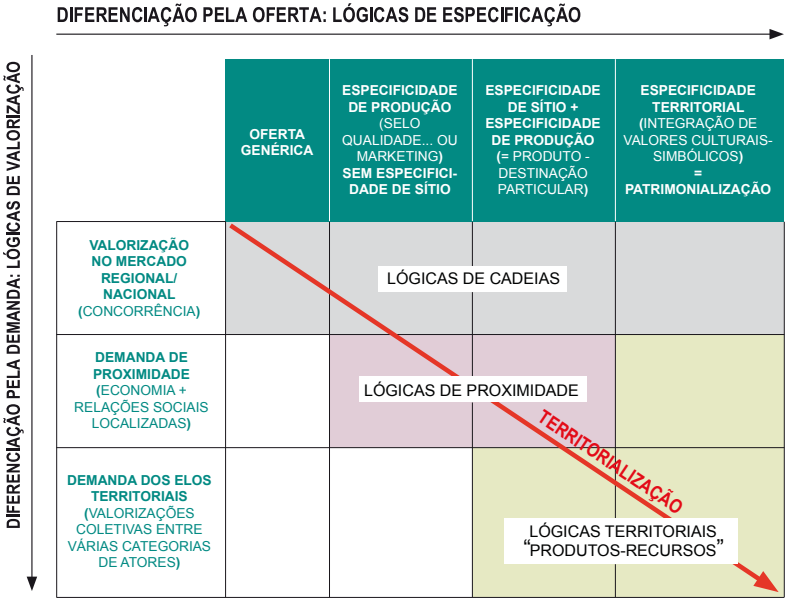
Classificação em uma grade com dupla entrada que caracteriza:

- **A DIFERENCIAÇÃO PELA OFERTA**, definida por um gradiente de especificação, variando de produtos genéricos aos produtos que têm um apelo de qualidade fortemente ligado a um terroir de produção (contexto socioespacial) (EIXO HORIZONTAL).
- **A DIFERENCIAÇÃO PELA DEMANDA**, distinguindo três modalidades de valorização conforme as relações produtos/espaço (EIXO VERTICAL):
  - uma **demanda indiferenciada no mercado regional/nacional:** trata-se de comercialização pelas principais cadeias de distribuição, onde o consumidor não tem papel ativo na diferenciação do produto (exceto indiretamente através de um efeito de seleção de produto entre a oferta).
  - uma **DEMANDA POR PROXIMIDADE:** a demanda desempenha um papel ativo na diferenciação de produtos, resultando, em particular, em uma diversidade de formas organizacionais que aproximam produtores e consumidores (o que pode incluir modos contratuais). A demanda diz respeito principalmente aos modos de produção e à origem local dos produtos, e não à expressão de suas ligações com um território de origem.
  - uma **demanda de elos territoriais:** aqui a demanda contribui diretamente para a valorização do produto e seus componentes mostrando suas ligações com o território. Essa modalidade é marcada por uma **APROPRIAÇÃO** do valor territorial do produto/

recurso por uma variedade de atores (habitantes, associações culturais ou de mediação, restaurantes, prestadores de serviços turísticos, artesãos etc.), e por seu **ENGAJAMENTO EM AÇÕES DE VALORIZAÇÃO** (econômica, cultural, patrimonial etc.) que contribuem diretamente para o fortalecimento da especificação e ancoragem territorial do produto/recurso.

DO "PRODUTO" AO "RECURSO": O QUE MUDA? A última linha da tabela marca uma ruptura nas relações produtos/lugares e nos métodos de valorização: passamos de uma relação "produto/consumidor" (linhas A e B) para uma relação "recurso/usuário" (linha C): além do produto em si, uma variedade de componentes correlacionados pode entrar no campo das valorizações por iniciativa de uma variedade de usuários. Passamos da noção de produto – que se refere a uma oferta pelos produtores – para a de recurso, mais complexo, resultado de uma construção associando "produtores" do recurso e uma diversidade de usuários.

A diagonal da tabela reflete uma lógica de **TERRITORIALIZAÇÃO** considerada aqui como a construção coletiva de atores engajados em uma valorização territorial dos recursos.



ALGUNS CONSELHOS PARA UTILIZAÇÃO DA GRADE

- São classificáveis na tabela **OS OBJETOS JÁ EM PROCESSO DE VALORIZAÇÃO** mercantil ou não (isto é, que possam ser posicionados na tabela dentro da lógica oferta/demanda);
- O mesmo produto pode ser objeto de vários modos de valorização diferentes e, portanto, aparece em vários campos da tabela. Exemplo da Castanha de Ardèche: a castanha é objeto de uma valorização específica no mercado nacional (Feugier), e também de formas de valorizações territorializadas (através da cadeia AOC Castanha dos Montes de Ardèche, e suas diversas valorizações culturais, gastronômicas ou turísticas).
  Neste caso, é a análise transversal dos modos de valorização que será interessante (cf. Etapa 2, reflexão estratégica).

UTILIZAÇÃO DA GRADE

- **ETAPA 1:** Reclassificação dos recursos na grade
- **ETAPA 2:** Reflexão estratégica
- **ETAPA 3:** Identificação das medidas de ação operacionais

ETAPA 1: **RECLASSIFICAÇÃO DOS RECURSOS NA GRADE**

A reclassificação é realizada usando as duas chaves de classificação (cf. as próximas páginas) que especificam os critérios qualitativos que caracterizam cada campo dos dois eixos.

A quais tipos de recursos essa grade se aplica?

- Recursos já valorizados, isto é, tendo sido objeto de uma oferta pelos produtores e de uma demanda pelos consumidores e/ou usuários.
- Produtos e serviços mercantis (agrícolas, artesanais, turísticos etc.)
- Produtos e serviços não mercantis (festa, feira, festival...)

As ilustrações nas próximas páginas apresentam uma aplicação no caso da agricultura e do turismo.

CHAVE DE CLASSIFICAÇÃO NO **EIXO HORIZONTAL:** DIFERENCIAÇÃO DA OFERTA

Oferta genérica	**Especificidade de produção** (selo qualidade... ou marketing) **sem especificidade de sítio**	**Especificidade de sítio + especificidade de produção** (= produto-destinação particular)	**Especificidade territorial** (integração de valores culturais- simbólicos) **= patrimonialização**
1	2	3	4
• Diferenciação pelo preço, e/ou o marketing produto (embalagem, etc.) • Mercado global	• Lógica da qualificação através das qualidades intrínsecas do produto: cadernos de encargos na produção, rotulagem quanto aos **modos de produção** (na agricultura: produtos frescos, da agricultura familiar, orgânico, SF etc.) **ou de atividade** (selo qualidade...) • Organização da produção em torno dessa qualificação: interprofissionais, associações de produtores...	• Idem campo 2, & • Integração de critérios referentes a um local de produção na caracterização do produto e em sua comercialização (produtos originários de marcas locais, etc.)	• Especificação do produto em referência a interações fortes e antigas entre o produto e seu território de origem (noção de *terroir* em particular) - Selos de qualidade de origem. • Lógica de marcas territoriais que identificam heranças naturais, culturais e históricas (por exemplo, pays de arte e de história, selo "Geopark", etc.)

CHAVE DE CLASSIFICAÇÃO NO **EIXO VERTICAL:** DIFERENCIAÇÃO PELA DEMANDA

VALORIZAÇÃO NO MERCADO REGIONAL / NACIONAL (CONCORRÊNCIA)	A	• Seleção de produtos baseada em seus critérios de diferenciação no mercado: modo de produção, origem, preço, marketing... • Trocas mercantis sem relação com o produtor nem com o lugar de origem. Lógica de consumo não localizado.
DEMANDA DE PROXIMIDADE (ECONOMIA + RELAÇÕES SOCIAIS LOCALIZADAS)	B	**Lógica de consumo localizado.** Demanda expressa via: • modo de produção e origem local dos produtos (proximidade produtor / consumidor). • serviços relacionados para atender produtores e consumidores (mercados, visitas) e gerar formas organizacionais específicas entre produtores e consumidores (circuitos curtos).
DEMANDA DE LIGAÇÕES TERRITORIAIS (VALORIZAÇÕES COLETIVAS ENTRE VÁRIAS CATEGORIAS DE ATORES)	C	**Lógicas de valorização transversal e territorial:** • Ampliação dos atores envolvidos na valorização, e dos campos e componentes valorizados (passagem do "produto" ao "recurso"): atores econômicos (artesãos, prestadores de serviços turísticos, restaurantes, etc.), atores associativos (setores de animação cultural, valorização do patrimônio, meio ambiente, etc.), atores culturais (museus, entre outros). • Coordenação e novas formas de organização envolvendo uma diversidade de redes e de atores.

Aplicação no caso da agricultura: exemplos

Diferenciação da oferta: lógicas de especificação

DIFERENCIAÇÃO PELA DEMANDA: LÓGICAS DE VALORIZAÇÃO

	Oferta genérica	**Especificidade de produção** (produtos frescos, da agricultura familiar, orgânicos, SF etc.)	**Especificidade de origem + especificidade de produção**	**Especificidade territorial** (integração de valores culturais- simbólicos) **= patrimonialização**
VALORIZAÇÃO NO MERCADO REGIONAL / NACIONAL (CONCORRÊNCIA POR PREÇO)	• Produtos agrícolas convencionais (leite, carne...)	• Bem-vindos à unidade agrícola • Cordeiro dos pastos de altitude	• Noz de Grenoble • Maçã de Pilat	• Beaufort • Reblochon
DEMANDA DE PROXIMIDADE (ECONOMIA + RELAÇÕES SOCIAIS LOCALIZADAS)	• Distribuidor de leite fresco	• AMAP (associação de conservação da agricultura camponesa), cestas, … • Mercados locais • Unidades agrícolas pedagógicas	• Marca carne de Chartreuse • Marca *"Terres d'ici"* do *terroir* Y Grenoblois	• Circuitos de visitação das cooperativas / adegas de produtos AOP • Reblochon do produtor *Pays* de Thônes • Festival da transumância (Die)
DEMANDA DE LIGAÇÕES TERRITORIAIS (VALORIZAÇÕES COLETIVAS ENVOLVENDO VÁRIAS CATEGORIAS DE ATORES)			• Menus produtos locais com os donos de restaurantes	• Valorizações Castanha das montanhas de Ardèche • Valorizações do *Bleu* de Vercors • Marca "Sabores de Aravis" • Selo Vinhedo e Descobertas

APLICAÇÃO NO CASO DO TURISMO: EXEMPLOS

DIFERENCIAÇÃO DA OFERTA: LÓGICAS DE ESPECIFICAÇÃO

DIFERENCIAÇÃO PELA DEMANDA: LÓGICAS DE VALORIZAÇÃO

	Oferta genérica	**Especificidade de produção** (selo qualidade... ou marketing) **sem especificidade de sítio**	**Especificidade de sítio + especificidade de produção** (=produto - destinação particular)	**Especificidade territorial** (integração de valores culturais- simbólicos) **= patrimonialização**
VALORIZAÇÃO NO MERCADO REGIONAL / NACIONAL (CONCORRÊNCIA)	• Trilhas GR • Estações de esqui (sem selo)	• Gîte de France ,hospedagem na agricultura familiar selo Panda... • Estação Ecológica • Bem-vindos à fazenda	• GR 20	• Tour do Mont Blanc • Rota dos vinhos de Alsace
DEMANDA DE PROXIMIDADE (ECONOMIA + RELAÇÕES SOCIAIS LOCALIZADAS)	• Micro estações de esqui • Atividades plena natureza (Mountain bike, trilha, excursão etc.)	• Feira, aldeias de artesanato • Mapas turísticos dos sítios de visita camponeses - artesãos	• Trilhas de interpretação • Cestas de piquenique produtos locais para turistas	• Recepção no pasto de altitude com fabricação de queijo • Caminhada vinhedo - recepção Adega • Ecomuseu
DEMANDA DE LIGAÇÕES TERRITORIAIS (VALORIZAÇÕES COLETIVAS ENTRE VÁRIAS CATEGORIAS DE ATORES)			• Menus produtos locais com os donos de restaurantes • Rotas do saber-fazer (Oisans, Chartreuse)	• Valorizações Castanha Montanhas de Ardèche • Selo Vinhedo e Descobertas • Selo "Geopark"

ETAPA 2: **REFLEXÃO ESTRATÉGICA**

Questionar o quadro para uma reflexão estratégica na escala do território.

A grade de caracterização preenchida constitui uma "imagem sintética" da diversidade dos métodos de valorização dos produtos/recursos do território. Fornece também uma "imagem sintética" do posicionamento do território em termos de modos de desenvolvimento.

Essa imagem não é estática, mas dinâmica: cada modo de valorização refere-se a uma dinâmica de atores, escolhas de posicionamento da oferta e interação com a procura.

Também é sistêmica: nenhum recurso é isolado, interage com outros recursos em seu ambiente (complementaridades, competição, etc.)

Assim é possível, a partir dessa imagem no "tempo t", abrir uma reflexão estratégica sobre o desenvolvimento, do ponto de vista das escolhas em termos de valorização de produtos/recursos e das oportunidades de evoluções.

1 • ANÁLISE DO CONJUNTO DO TERRITÓRIO ATRAVÉS DE SEUS RECURSOS

- **Que podemos dizer da diversidade dos recursos e dos modos de valorização?**

  (Quantidade e dispersão dos recursos dentro dos campos).

  - Qual é a importância relativa dos recursos genéricos, dos recursos específicos ou territoriais (quantidade de empresas, faturamento...)?
  - Qual é a dependência em relação às cadeias, mercados externos? É uma fragilidade?
  - Que podemos dizer da natureza da demanda:
    - Ela é mais sobre produtos locais, de proximidade?
    - Ela é mais sobre uma especificidade territorial?

- Qual é a convivência, as relações, entre essas diferentes estratégias de valorização?

- **Que podemos dizer das interrelações entre recursos?**
  - Há proximidades ou relações entre certos recursos que seriam interessantes desenvolver?
  - Presença dentro de um mesmo campo de produtos/recursos de natureza diferente (agricultura, artesanato, turismo...): há elos entre eles? De qual natureza? Complementaridades poderiam ser consideradas?

2 • QUAIS POTENCIAIS DE RECURSOS ESPECÍFICOS PARA DIFERENCIAR O TERRITÓRIO?

- Existem recursos de forte valor cultural/patrimonial (última coluna)?
- Eles são amplamente apropriados internamente, conhecidos/reconhecidos fora do território? (relevância da linha 1 = recursos reconhecidos no mercado nacional/regional)
- Quais atores, quais redes estão envolvidos? São organizados?
- Que podemos dizer do impacto espacial desses recursos: ele é homogêneo? Ou heterogêneo no território? Existem diferentes "territorialidades" dentro do território baseadas em diferentes recursos? Esses recursos são específicos do território, ou dizem respeito a um perímetro mais amplo?
- Se a última coluna estiver vazia ou pouco significativa: existem outras medidas de diferenciação do território, na coluna 3? Recursos potenciais (identificados pela ficha 2) a serem ativados?

ETAPA 3: **IDENTIFICAR AS MEDIDAS DE AÇÃO OPERACIONAIS**

A reflexão estratégica utilizando a grade de caracterização (passo anterior), definiu objetivos de ação para reforçar a especificação do recurso.

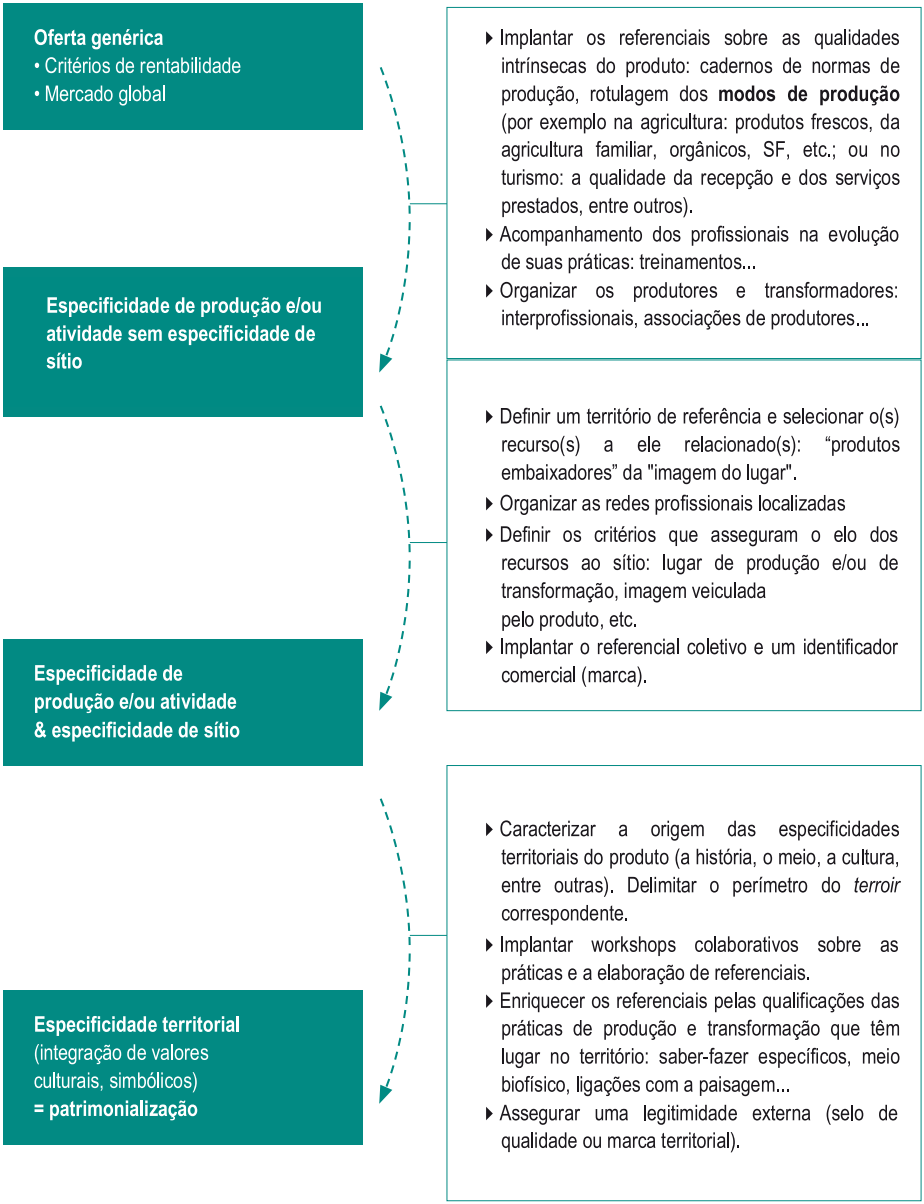
As figuras das próximas páginas utilizam os eixos da grade de caracterização (coluna da esquerda) para explicar as medidas de ação que podem ser usadas para fazer um recurso evoluir de um “campo” para outro:

- Ao agir sobre a especificação da oferta;
- Ao agir sobre a ampliação das valorizações com outros atores.

As medidas de ação propostas (coluna de direita) intervêm essencialmente sobre os componentes do recurso, identificados e descritos na ferramenta gráfico.

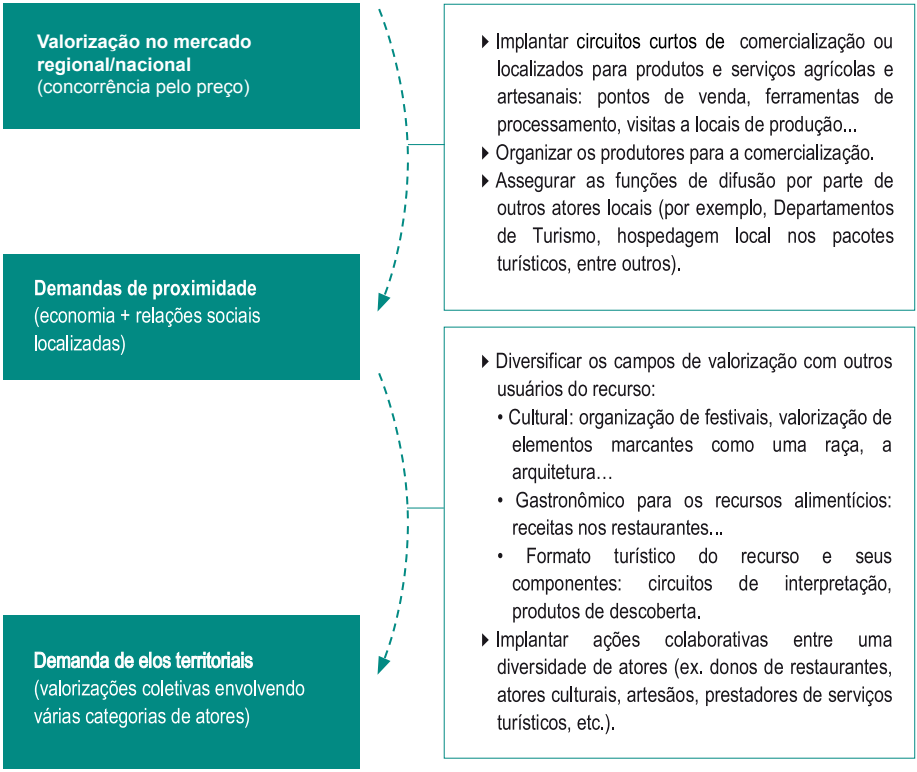
1 • MEDIDAS DE ESPECIFICAÇÃO DA OFERTA

em referência à grade de caracterização, eixo horizontal



2 • MEDIDAS DE AMPLIAÇÃO VIA VALORIZAÇÕES COM OUTROS ATORES

em referência à grade de caracterização, eixo vertical



LES PIEDS
DE CHARTREUSE

FERRAMENTA 4

REFERENCIAL PARA ATIVAR UM RECURSO EM QUATRO ETAPAS

REFERENCIAL PARA ATIVAR UM RECURSO EM QUATRO ETAPAS

DEFINIÇÃO

Um recurso permanece potencial enquanto não for ativado por um projeto de valorização. A “ATIVAÇÃO” de um recurso designa o conjunto de ações a executar para identificar, reconhecer e desenvolver as diversas valorizações de seus componentes.

PRINCÍPIO

Um projeto de valorização de recursos é executado em vários anos, de acordo com diferentes tempos de desenvolvimento:

- A emergência – ou revelação – do recurso;
- A ampliação dos atores e a legitimação territorial do recurso;
- O desenvolvimento - espacial, qualitativo e quantitativo das ações de valorização;
- A renovação e a difusão do recurso.

Ao elaborar o plano de ação no final do diagnóstico estratégico (ver guia), é útil começar por situar o recurso nesse processo de valorização, a fim de deduzir as prioridades de ação e os pontos de vigilância a implementar.

O usuário deve aqui responder a duas perguntas:

- **A quantas anda a ativação do recurso?**
- **Quais são as prioridades nesse estágio?**

Para tal, propomos um referencial simples para identificar o nível atual de ativação de um recurso (e/ou dos seus componentes), para identificar as realizações prioritárias para consolidar o processo e para identificar medidas operacionais de ação.

1 • A QUANTAS ANDA A ATIVAÇÃO DO RECURSO?

Descrição de cada tempo da ativação e do papel da engenharia de acompanhamento (em referência ao quadro p. 89).

REVELAÇÃO/EMERGÊNCIA

A realização desta etapa é caracterizada por uma mudança nas representações e valores atribuídos a um recurso ainda potencial nesse estágio. Muitas vezes uma situação de fragilidade, ou mesmo de crise, pode estar na origem das necessidades e da busca de novos potenciais de valorização. As mudanças promissoras estão frequentemente na origem de "sinais fracos", por iniciativa de alguns poucos atores.

PAPEL DA ENGENHARIA:

- Facilitar a circulação de ideias e intercâmbios, baseados nas oportunidades de encontros, debates, visitas fora do território, etc.

AMPLIAÇÃO

É uma etapa no trabalho em rede dos atores e na construção de um conhecimento compartilhado sobre o recurso. Trata-se de qualificar seus conteúdos, seu valor para os atores, seus modos de produção e de valorização, etc. Essa etapa é uma "formatação de projeto coletivo" do recurso. Estabelece o "marco" comum para a apropriação local do valor do recurso, bem como o envolvimento de outras partes interessadas, com base na apropriação e engajamento.

PAPEL DA ENGENHARIA:

- Organizar os lugares de partilha de conhecimento e de formatação do projeto.
- Formalizar e comunicar localmente os conhecimentos partilhados sobre o recurso. Isso pode justificar um trabalho de investigação específico sobre o território.
- Formalizar os referenciais coletivos que definem: 1) os modos de produção e de valorização, 2) as modalidades de engaja-

mento dos atores (cartas, etc.).

- Acompanhar os coletivos de atores nas ações de valorização.

DESENVOLVIMENTO

O recurso é aqui bem reconhecido e valorizado por uma diversidade de atores do território. O desafio do apoio é organizacional: trata-se de consolidar as ferramentas, o modo de organização, a distribuição dos papéis e das competências, entre outros, que permitam o desenvolvimento plurianual de ações de valorização. A legitimidade de um ator público coordenador é aqui determinante.

PAPEL DA ENGENHARIA:

- Implantar a organização territorial da valorização e as condições de engajamento dos atores nos papeis assumidos.
- Assegurar a legitimidade/diferenciação do recurso face ao exterior (selo, marca de qualidade, etc.).
- Ampliar/conservar a apropriação local do recurso e a participação dos habitantes.
- Acompanhar a ampliação dos campos de valorização e sua coerência transversal.
- Implantar as ferramentas de governança (avaliação/profissionalização, etc.).

RECOMBINAR/RENOVAR/DIFUNDIR

Essa etapa ocorre por ocasião de novos desafios de mudança nos modos de ativação do recurso:

- Oportunidade de valorização combinada com um ou alguns outros recursos;
- Fragilidade observada ou – antecipada – exigindo um reposicio namento (renovação) do modo de ativação do recurso: por exemplo, perda de fôlego dos coletivos, perda de valor econômico, degradação dos componentes do recurso (por exemplo, degradação da paisagem, perda de saber-fazer, etc.).

O desafio então é relançar uma reflexão estratégica coletiva para redefinir as condições para a renovação ou difusão do recurso (nos seus modos de produção, nos seus campos de valorização entre utilizadores, etc.).

PAPEL DA ENGENHARIA:

- Implantar as ferramentas de avaliação para antecipar esses riscos de fragilidade.
- Organizar uma avaliação periódica (e prospectiva) pelas instâncias coletivas de governança do recurso.
- Organizar a transversalidade entre recursos.

2 • QUAIS SÃO AS AÇÕES PRIORITÁRIAS PARA GARANTIR A REALIZAÇÃO DE CADA ETAPA?

A tabela a seguir identifica as questões envolvidas na realização de cada etapa de ativação do recurso e propõe medidas de ação e ferramentas que podem ser mobilizadas de acordo com essas etapas. Em seguida, no contexto do território e do projeto em questão, é necessário aprofundar as medidas das ações selecionadas (ver para tanto a ficha 4: Implantar um projeto territorial de valorização de recursos).

Quadro: Ativar um recurso em 4 tempos

Os quatro tempos de ativação do recurso (ou do componente)	1 A quantas anda a ativação do recurso no meu território? ↓ Caracterização da etapa realização	2 Qual é a ação prioritária nessa fase? ↓ Desafios de realização da etapa	3 Em que eu posso me basear? ↓ Alavancas e ferramentas de
REVELAÇÃO / EMERGÊNCIA	• Recurso potencial ("jazida"), valor pouco ou não reconhecido • Valorização nula ou pontual • Não há redes constituídas em torno do recurso	• Mudança de olhar • Reconhecimento do valor do recurso por alguns atores • Identificação de atores portadores de necessidades/ideias de valorização	• Encontros entre atores do território • Designação do valor por atores externos • Monitoramento territorial • Benchmark
AMPLIAÇÃO E LEGITIMAÇÃO	• Valor reconhecido localmente • Uma ou mais redes valorizam um ou mais componentes do recurso • Implantação de organizações (profissionais, associativas...) • Referenciais coletivos de produção/ valorização (tipo carta, caderno de normas) inexistentes ou a ser consolidados	• Definição do valor (Especificação) • Reconhecimento territorial • Atração de novas redes e exploração de novas valorizações • Implementação da valorização, engajamentos individuais, objetivos coletivos (campos econômicos, turísticos, culturais ...)	• Aquisição e compartilhamento de conhecimento sobre o recurso: conteúdo, argumentos • Descrever o território através de seus recursos, comunicação interna • Formalização dos referenciais de produção e de valorização (cartas, cadernos de normas) • Constituição de coletivos, prospecção participativa. • Benchmark, testes em pequena escala
DESENVOLVIMENTO	• Recurso reconhecido pelo exterior • Várias categorias de atores valorizam o recurso. Impacto econômico significativo	• Reconhecimento a ser instituído (selo, etc.), referenciais a serem normalizados • Estruturação da ação coletiva por "campos" de valorização e coordenação transversal, novas organizações, engenharia de desenvolvimento plurianual • Estratégia de comunicação interna/ externa	• Procedimentos para obter um selo • Estruturação profissional, formação • Plano de desenvolvimento e definição de uma distribuição de papéis entre atores • Coordenação / integração pública com programas territoriais • Plano de comunicação
RECOMBINAR / RENOVAR	• Cooperações intersetoriais, combinações entre vários campos de valorização, ou entre várias recursos	• Coordenação transversal de campos de valorização e dos coletivos de atores • Avaliação da sustentabilidade dos modos de valorização (vulnerabilidades), adaptações	• Ferramentas de governança (avaliação/ regulamentação) • Ampliação dos conhecimentos coletivos

FERRAMENTA 5

ORGANIZAÇÃO DOS MEIOS DE ENGENHARIA

ORGANIZAÇÃO DOS MEIOS DE ENGENHARIA

Os meios de engenharia devem ser coerentes com as capacidades técnica e financeira dos atores inseridos no procedimento. Os participantes devem ser capazes de avaliar durante o procedimento e durante o projeto, conforme os tipos de recursos, as medidas a implementar, os modos de organização, as dinâmicas dos atores. As ferramentas apresentadas são assim antes suportes de reflexão e painéis de controle do que estruturas fixas.

A partir dessa constatação, propomos um procedimento em dois tempos ilustrados pelos quadros a seguir.

1 • IDENTIFICAÇÃO DOS ATORES ENVOLVIDOS NO PROCESSO OU A SEREM SOLICITADOS E DOS RECURSOS DE ENGENHARIA DE QUE DISPÕEM OU QUE PODEM MOBILIZAR

De acordo com seus papéis e posturas, quem são os atores mais relevantes e legítimos para implementar a engenharia necessária? Com a ajuda do quadro, o primeiro passo é identificar e introduzir nas caixas os diferentes atores de acordo com suas posturas, papéis e habilidades. Os tipos de atores já são propostos de acordo com os papéis previstos nas colunas.

QUADRO 1: IDENTIFICAÇÃO DOS ATORES CONFORME SEUS PAPÉIS E TIPOS

	PAPÉIS DOS ATORES		
TIPO DE ENGENHARIA	**TÉCNICA processos cognitivos**	**MEDIAÇÃO processos relacionais**	**ORGANIZAÇÃO processos organizacionais**
TIPOS DE ATORES E INTERVENIENTES	• Organismos profissionais • Especialistas privados	• Ator público • Organismos profissionais para workshops setoriais • Especialistas privados	• Atores públicos (Consórcios intermunicipais, Parques...)

2 • DEFINIÇÃO E QUANTIFICAÇÃO DOS MEIOS DE ENGENHARIA CONFORME AS REFLEXÕES, AÇÕES, MEDIDAS A IMPLEMENTAR:

De acordo com as medidas definidas para a ativação dos recursos e a implementação do projeto, e com base na identificação dos atores no ponto 1, trata-se de listar e quantificar os meios de engenharia.
Quem faz o quê? Concretamente, em função das capacidades existentes e daquelas a mobilizar.
Nesse quadro estão inicialmente classificados os atores e os meios identificados, segundo as medidas de valorização.

QUADRO 2: DISTRIBUIÇÃO DOS ATORES DE ACORDO COM OS TIPOS DE ENGENHARIA E OS TIPOS DE MEDIDAS DE ATIVAÇÃO DE RECURSOS

	QUEM? Marcar dentro de cada campo as pessoas ou organizações responsáveis pela ação		
MEDIDAS DE VALORIZAÇÃO: EXEMPLOS	**TÉCNICA**	**MEDIAÇÃO**	**COORDENAÇÃO**
ESPECIFICAÇÃO DA OFERTA			
AMPLIAÇÃO DOS MODOS DE VALORIZAÇÃO			
COORDENAÇÃO GESTÃO DO PROJETO DE GOVERNANÇA ...			

Por fim, trata-se de fazer uma síntese que, a partir das tabelas 1 e 2, distribua os atores e seus meios de engenharia. O acréscimo de quatro colunas permite identificar os meios internos dos atores que dão suporte ao procedimento, aqueles que podem ser mobilizados por recrutamento e, por último, aqueles que podem ser mobilizados através de prestação de serviços externos.
As cruzes podem ser substituídas por avaliações de ETP (Equivalente a Tempo Pleno).

La
Maison
du Berger

QUADRO 3: DISTRIBUIÇÃO DOS ATORES DE ACORDO COM OS TIPOS-DE ENGENHARIA E OS TIPOS DE MEDIDAS DE ATIVAÇÃO DE RECURSOS (EXEMPLO O *BLEU* DE VERCORS).

MEDIDAS DE VALORIZAÇÃO: exemplos	TÉCNICA	MEDIAÇÃO	COORDENAÇÃO	QUEM?	INTERNA	RECRUTAMENTO	CONSULTOR EXTERNO
ESPECIFICAÇÃO DA OFERTA:				Instituto Gruyère		Estagiário	Consultor
• **Ação e reflexão** sobre saber-fazer, qualidades do recurso	x	x		Instituto	Responsável pela missão		
				SIVER Gruyère			Consultor
• **Implementação** e formalização dos referenciais e cadernos de normas...	x	x		SIVER	Responsável pela missão		
• **Organização dos** "produtores"...	x	x		SIVER	Responsável pela missão		
• ...							
ESPECIFICAÇÃO DA VALORIZAÇÃO:							
• **Ampliação** para uma diversidade de atores		x	x	PNRV	Responsável pela missão		
				PNRV	Responsável pela missão		
• **Organização** comercialização	x	x					
• **AMPLIAÇÃO** para outros componentes:		x		SIVER	CM	Estagiário	
				SIVER	CM		
• **Festival do Bleu**	x	x	x	PNRV	CM	Estagiário	Empresa externa
• **ESTRATÉGIA turismo**	x	x	x	PNRV	CM		

PNRV: *Parc Naturel Régional du Vercors* (Parque Natural Regional de Vercors)
SIVER: *Syndicat Interprofessionnel du Bleu du Vercors-Sassenage* (Sindicato Interprofissional do *Bleu* de Vercors-Sassenage)
CM: *Chargée de Mission (Responsável pela missão)*

GLOSSÁRIO

PRODUTO: Fruto de qualquer coisa (Economia); o que é criado pelo ser humano ou pela natureza; resultado.

RECURSO: Diferentes definições de acordo com os campos: meios materiais disponíveis para um país, uma região, uma comunidade; meios financeiros disponíveis para uma pessoa, uma empresa; capacidades, oportunidades disponíveis ou oferecidas; reservas; meios para sair da penúria ou melhorar uma situação difícil....

ATIVAÇÃO: Designa o conjunto dos processos coletivos a executar para identificar, dar reputação para um recurso e desenvolver as diversas valorizações de seus componentes.

TERRITÓRIO: Um construto sociocultural que se mantém e se renova ao longo da história.

ATOR: O termo “ator” – etimologicamente, aquele que atua ou age – refere-se a quem, individual ou coletivamente, impulsiona as transformações baseadas em decisões que têm interesses identificados e/ou em uma posição de poder.

OBJETO TERRITORIAL: Todo território é constituído de elementos que podem ser concretos ou abstratos, materiais ou ideais. Esses elementos participam da existência e da construção daquela unidade e podem ser considerados como objetos do território quando contribuem para sua construção, porque são valorizados pelos atores do território (meio natural, espaço...), e/ou produzidos por eles (oriundos de atividades, de saber-fazer...).

DISCURSO: Por “discurso” podemos entender qualquer invocação produzida ou mobilizada por um ator, individual ou coletivo, cujo propósito, ou um dos propósitos, é construir sua imagem e/ou a de seu território. O discurso é revelador da intencionalidade dos atores. Ele constrói e legitima o território.

VALOR: O nosso questionamento diz respeito à construção do que tem valor num território. Esse campo refere-se à avaliação coletiva, razão pela qual a metodologia favorece grupos de atores e coordenadores de projetos, em detrimento da dimensão individual.

FOTOLINGUAGEM: O uso de objetos fotográficos para iniciar a elaboração de discursos de atores faz parte da metodologia da linguagem fotográfica, um método desenvolvido em psicologia e psicossociologia, particularmente para incentivar o intercâmbio em grupo. A fotolinguagem permite fazer emergir as representações e compartilhá-las.

TERRITORIALIZAÇÃO: Processos socioculturais de constituição de um espaço em território por um agrupamento humano; construção de sentidos, de projeto, de valores...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

UM TRABALHO COLETIVO DE VALORIZAÇÃO DE RESULTADOS DE PESQUISA

Este guia foi realizado pelo GIS Alpes-Jura (Loïc Perron, Suaci Alpes du Nord/Claude Janin, Câmara de Agricultura de Isère), em parceria com uma rede de atores de Rhône-Alpes (Parques naturais regionais e Câmaras de agricultura), com o apoio do Parque Natural Regional de Vercors.

É o resultado de uma valorização do projeto de pesquisa Ress Terr ("Recursos Territoriais, Políticas Públicas e Governança") realizado em parceria entre pesquisadores e atores, sob a responsabilidade científica da Universidade de Grenoble - UMR PACTE, no âmbito do programa "Por e Sobre o Desenvolvimento Regional" (PSDR3 Rhône-Alpes, 2007-2011).

ESSE TRABALHO DE VALORIZAÇÃO baseia-se mais particularmente nos trabalhos de pesquisa do GIS Alpes Jura, conduzidos por Véronique Peyrache-Gadeau (EDYTEM - Universidade de Savoie), Claude Janin (UMR Pacte - Grenoble) e Loïc Perron (Suaci Alpes du Nord).

Gostaríamos de agradecer aos atores do desenvolvimento Rhône--Alpes que participaram da elaboração desses instrumentos por meio do seu envolvimento no grupo de trabalho regional: Frédéric Girard, Région Rhône-Alpes - réseau des PNR, Jean-Luc Langlois, Mathieu Rocheblave, PNR du Vercors, Michel Jabrin, PNR du Pilat, Richard Bonin, PNR des Monts d'Ardèche, Audrey Stucker, Ilona Mezei, PNR des Bauges, Gwenaëlle Pariset, Syndicat Mixte du projet de PNR des Baronnies Provençales, Jean-Syl- vain Goutelle, Chambre d'Agriculture de l'Isère/rede dos atores parceiros do GIS Alpes-Jura, Jean-Mi-

chel Costechareyre, Chambre d'Agriculture de la Drôme, Emmanuel Guisepelli, Chambre Régionale d'Agriculture Rhône-Alpes, Jean-Yves Morgantini, Florie Salanie, rede INPACT – FRCIVAM.

Gostaríamos também de agradecer a Jean-Luc Langlois (PNR du Vercors, líder do projeto de valorização), Daniel Roybin (INRA, líder do PSDR Rhône-Alpes) e Véronique Quiblier, Mission Valorisation des Recherches (Plataforma Regional de Desenvolvimento Rural Rhône-Alpes), pelo seu apoio e acompanhamento dos trabalhos de valorização.

Parceiros do projeto Ress Terr:

LABORATÓRIOS DE PESQUISA

UMR PACTE (CNRS 5194) – IGA – UJF – Universidade de Grenoble.
Suaci Alpes du Nord/GIS Alpes Jura,
EDYTEM – UMR 5204 CNRS – Université de Savoie, au titre du GIS Alpes Jura
UMR METAFORT, INRA et Agro ParisTech Clermont Ferrand.

PARCEIROS: Rede de PNR de Rhône-Alpes, PNR du Vercors, PNR des Bauges, PNR du Pilat, PNR des Monts d'Ardèche, Syndicat Mixte du projet de PNR des Baronnies Provençales, Chambre d'Agricultura de la Drôme, Chambre d'Agriculture de l'Isère/rede de atores parceiros do GIS Alpes-Jura, Chambre Régionale d'Agriculture, Réseau INPACT.

COORDENAÇÃO E REDAÇÃO
(versão original em Francês)
Loïc Perron, Suaci Alpes du Nord/GIS Alpes Jura,
Claude Janin, Câmara da Agricultura de Isère/GIS Alpes Jura

CRÉDITO FOTOS
www.loic-perron-photo.fr, Claude Janin, Catherine Balestra – Suaci Alpes du Nord, Parc naturel régional du Vercors, Parc naturel régional des Monts d'Ardèche, Syndicat du Pays de Maurienne, Mir Photo, La clique à Bill, Saveurs des Aravis

CONCEPÇÃO E REALIZAÇÃO GRÁFICA
(versão original em Francês)
Laure Menanteau | www.lauremenanteau.com

IMPRESSÃO:
Vassel Graphique | www.vasselgraphique.com

EDIÇÃO MARÇO 2014

✶

ESTE GUIA, BEM COMO AS FERRAMENTAS E REFERENCIAIS TEÓRICOS QUE O ACOMPANHAM, ESTÃO DISPONÍVEIS, EM FRANCÊS, PARA DOWNLOAD EM:

- www.suaci-alpes.fr/-Ress-Terr-
- www.psdr-ra.fr
- www.caprural.org

✶

CONTATO
CERAQ
40 rue du Terraillet
73190 St-Baldoph
Tél.: 04 79 70 77 77 – 06 20 58 71 86
suacigis@suacigis.com

✶

Você foi eleito por um território, agente de desenvolvimento ou ator associativo ou econômico, você deseja engajar seu território num projeto de valorização de recursos que o distingue.

O **guia metodológico VALORIZAR OS RECURSOS TERRITORIAIS:** CHAVES PARA A AÇÃO é destinado a acompanhá-lo no seu projeto, desde o diagnóstico inicial à execução de um plano de ação.

Este guia aposta em valorizar – colocar em ação – recursos específicos de lugares, pessoas, espaços, história do território.

O procedimento propõe questionar os conteúdos territoriais: o que pode distinguir um território de outro, a partir de seus recursos específicos, promissores de um potencial de desenvolvimento (quer seja econômico, turístico, cultural, social...) Que condições devem ser satisfeitas para que os atores locais compartilhem o valor desses recursos e se envolvam em esforços coletivos para promovê-los? Quais são as novas medidas de desenvolvimento para as diferentes atividades econômicas? Qual pode ser o papel de uma "coletividade" para iniciar, desenvolver e coordenar essas estratégias de valorização?

Este guia propõe um **procedimento e ferramentas para mediar uma reflexão coletiva entre os atores locais: inventário de recursos do território, diagnóstico dos modos de valorização, identificação dos potenciais e elaboração de uma estratégia de valorização dos recursos selecionados.**

✶

Este projeto de valorização foi realizado sucessivamente pelo Parque natural regional de Bauges e pelo Parque natural regional de Vercors.

Este projeto de valorização foi apoiado pelos signatários do programa PSDR3 em Rhône-Alpes (INRA, região Rhône-Alpes, Irstea, DRAAF, Câmara Regional da Agricultura) e recebeu financiamento do Conselho Regional de Rhône-Alpes, do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) e dos realizadores.

RESSTERR É COFINANCIADO PELA UNIÃO EUROPEIA. A EUROPA COMPROMETE-SE COM RHONE ALPES ATRAVÉS DO FUNDO EUROPEU DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, AGROALIMENTAR E FLORESTAL

A tradução deste guia integra os resultados do projeto “O enfoque da cesta de bens e serviços territoriais: modelo de análise do desenvolvimento territorial sustentável”, financiado pelo CNPq no período de 2019 a 2021.

São participantes do projeto as seguintes instituições:

- UFSC/PGA/Lemate
- UFSC/NEA Educampo
- UDESC/ESAG
- IFC/Campus de Rio do Sul
- IFSC/Gaspar e IFSC/São Miguel do Oeste
- Epagri (Cepa, Cepaf e Ciram)
- Mapa/CIG
- Sebrae/SC
- Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares da Universidade Federal do Pará

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

Epagri
Empresa de Pesquisa Agropecuária
e Extensão Rural de Santa Catarina

PET do Campo

PGA/UFSC

Ciram
Centro de Informações de Recursos Ambientais e de Hidrometeorologia de Santa Catarina

Cepaf
Epagri 35 anos
Centro de Pesquisa para Agricultura Familiar

Epagri CEPA
Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola

INSTITUTO FEDERAL
Santa Catarina
Câmpus Gaspar

INSTITUTO FEDERAL
Catarinense
Campus Rio do Sul

INSTITUTO FEDERAL
Santa Catarina
Câmpus São Miguel do Oeste

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

UDESC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
DAP-ESAG/PPGPLAN

SEBRAE

INEAF
Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO

PÁTRIA AMADA BRASIL
GOVERNO FEDERAL

www.epagri.sc.gov.br
www.youtube.com/epagritv
www.facebook.com/epagri
www.twitter.com/epagrioficial
www.instagram.com/epagri
linkedin.com/company/epagri
http://publicacoes.epagri.sc.gov.br

Epagri
Empresa de Pesquisa Agropecuária
e Extensão Rural de Santa Catarina

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL